

EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS: CONCORRÊNCIA CHINA X BRASIL

JANEIRO/2017

Conselho do IEDI

<i>Conselheiro</i>	<i>Empresa</i>
Amarílio Proença de Macêdo	J. Macêdo Alimentos S/A
Bernardo Gradin	GranBio S/A
Carlos Eduardo Sanchez	EMS - Indústria Farmacêutica Ltda
Carlos Mariani Bittencourt	PIN Petroquímica S/A
Cláudio Bardella	Bardella S/A Indústrias Mecânicas
Claudio Gerdau Johannpeter	Gerdau Aços Longos S/A
Dan Ioschpe <i>Vice-Presidente</i>	Ioschpe-Maxion S/A
Daniel Feffer	Grupo Suzano S/A
Décio da Silva	WEG S/A
Eugênio Emílio Staub	Conselheiro Emérito
Fabio Hering	Companhia Hering S/A
Flávio Gurgel Rocha	Confecções Guararapes S/A
Frederico Fleury Curado	Membro Colaborador
Geraldo Luciano Mattos Júnior	M. Dias Branco S.A
Hélio Bruck Rotenberg	Positivo Informática S/A.
Henri Armand Slezynger	Unigel S.A
Ivo Rosset	Rosset & Cia. Ltda.
Ivony Brochmann Ioschpe	Conselheiro Emérito
João Guilherme Sabino Ometto	Grupo São Martinho S/A
José Antonio Fernandes Martins	Marcopolo S/A
José Carlos Grubisich	Eldorado Brasil Celulose S/A
José Roberto Ermírio de Moraes	Votorantim Participações S/A
Josué Christiano Gomes da Silva	Cia. de Tecidos Norte de Minas-Coteminas
Laércio José de Lucena Cosentino	TOTVS S/A

Conselho do IEDI

<i>Conselheiro</i>	<i>Empresa</i>
Lírio Albino Parisotto	Videolar S/A
Lucas Santos Rodas	Companhia Nitro Química Brasileira S.A.
Luiz Alberto Garcia	Algar S/A Empreendimentos e Participações
Luiz de Mendonça	Odebrecht Agroindustrial S/A
Marcos Paletta Camara	Paranapanema S.A.
Murilo Pinto de Oliveira Ferreira	Vale S.A.
Ogari de Castro Pacheco	Cristália Produtos Químicos Farmacêuticos Ltda.
Olavo Monteiro de Carvalho	Monteiro Aranha S/A
Otto Rudolf Becker Von Sothen	Tigre S/A
Paulo Cesar de Souza e Silva	Embraer S/A
Paulo Diederichsen Villares	Membro Colaborador
Paulo Francini	Membro Colaborador
Paulo Guilherme Aguiar Cunha	Conselheiro Emérito
Pedro Franco Piva	Klabin S/A
Pedro Luiz Barreiros Passos	Natura Cosméticos S/A
Pedro Wongtschowski <i>Presidente</i>	Ultrapar Participações S/A
Ricardo Steinbruch <i>Vice-Presidente</i>	Vicunha Têxtil S.A.
Roberto Caiuby Vidigal	Membro Colaborador
Rodolfo Villela Marino <i>Vice-Presidente</i>	Elekeiroz S.A.
Rubens Ometto Silveira Mello	Cosan S/A Ind e Com
Salo Davi Seibel	Duratex S/A
Sergio Leite de Andrade	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais - USIMINAS
Victório Carlos De Marchi	Cia. de Bebidas das Américas - AmBev

EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS: CONCORRÊNCIA CHINA X BRASIL

Sumário	1
Introdução	6
O desempenho das exportações chinesas e brasileiras no pós-crise	9
Dinamismo da pauta exportadora do brasil e da china	13
A ameaça das exportações chinesas às exportações brasileiras	17
Análise setorial	22
Oportunidades aproveitadas	22
Oportunidades perdidas	25
Produtos em declínio	27
Produto em retrocesso.....	30
Bibliografia	33

EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS: CONCORRÊNCIA CHINA X BRASIL

Sumário

Desde 2003, o desempenho da balança comercial brasileira tornou-se estreitamente vinculado ao crescimento econômico e da demanda externa da China mediante dois efeitos antagônicos. Por um lado, o “efeito complementaridade”, que beneficiou (principalmente no período anterior à crise financeira global) as exportações brasileiras tanto de forma direta (impulsionando as vendas externas de commodities), como indireta (aumentando as exportações de bens manufaturados para países latino-americanos exportadores de commodities). Por outro lado, o “efeito concorrência”, associado à consolidação da China como produtora e exportadora de produtos manufaturados, afetou negativamente a indústria brasileira por dois canais: a invasão de importados no Brasil e o crescimento das exportações chinesas para mercados tradicionalmente atendidos pela indústria brasileira.

Como analisado na [Carta IEDI n. 590](#) – O Dinamismo Exportador do Brasil e a Ameaça das Exportações Chinesas no Após Crise (divulgada em 20/09/2013), o “efeito concorrência” reforçou-se logo após a crise financeira e econômica global de 2008, devido à estratégia da China de aumentar sua presença na periferia capitalista para compensar a perda de dinamismo das economias centrais. No âmbito dessa estratégia, aumentaram as exportações chinesas para as três principais regiões de destino das vendas externas brasileiras de bens manufaturados – Mercosul (Argentina, Uruguai, Paraguai), Aladi (Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela) e Nafta – a ponto de superarem o valor registrado pelo Brasil em 2012. O presente estudo amplia o período analisado para o ano de 2015 (último dado disponível na base de dados da COMTRADE) e o compara com os resultados de 2012.

Adotamos os seguintes critérios. Primeiro, as exportações dos dois países foram agrupadas em quatro categorias de dinamismo: *Oportunidade Aproveitada*, em que o produto em questão ganha participação na pauta das regiões e o país (Brasil ou China) também ganha participação neste mercado; *Oportunidade Perdida*, em que o produto ganha participação, mas o país perde participação; *Produto em Declínio*, em que o produto está perdendo participação, mas o país está ganhando participação; *Produto em Retrocesso*, em que tanto o produto como o país estão perdendo participação.

Segundo, foi calculada a ameaça das exportações chinesas às exportações brasileiras nessas quatro categorias: há *Ameaça Direta* quando, para um produto, há aumento de *market-share* da China nas regiões selecionadas, ao mesmo tempo em que o Brasil reduz seu

market-share; há *Ameaça Indireta* quando o aumento do *market-share* da China for maior do que o aumento do *market-share* do Brasil. Os produtos que não estão sendo ameaçados pelas exportações chinesas foram classificados como *Sem Ameaça*. Finalmente, o estudo também detalhou essas duas variáveis (categoria de produtos em termos de dinamismo e grau de ameaça) em termos setoriais.

É importante mencionar que nos dois períodos analisados (2008-2012 e 2012-2015) o desempenho das exportações chinesas e brasileiras para as regiões selecionadas foi bastante diferente. Na comparação de 2015 com 2012, as exportações chinesas aumentaram 8,3% e as brasileiras diminuíram 21,8%. Já na comparação de 2012 com 2008, os dois países aumentaram o valor total exportado, mas em magnitudes muito divergentes: 47,6% no caso da China e 1,9% no do Brasil. Como os dados referem-se aos valores exportados, essa diferença expressiva nos resultados de 2012 e 2015 está associada às mudanças na dinâmica do comércio internacional nesse triênio, dentre as quais se destacam a deflação das cotações das commodities (que contaminam os preços dos bens manufaturados derivados do processamento desses produtos primários, como os setores de metalurgia básica e petróleo) e o menor dinamismo do comércio internacional (num contexto de baixo crescimento da economia global), que afetou negativamente as quantidades exportadas.

Ademais, a reversão do boom de preços das commodities atuou no mesmo sentido ao reduzir as exportações (e, assim, a disponibilidade de divisas) das economias do Mercosul e Aladi, comprometendo sua demanda por produtos manufaturados importados. No caso da China, a mudança no perfil de crescimento, com o aumento da importância do mercado interno frente ao externo, também contribuiu para a desaceleração das vendas externas (ver Carta Iedi n. 755 – Perspectivas para a economia global em 2016 e 2017).

Do ponto de vista do dinamismo e do grau de ameaça, várias tendências negativas identificadas em 2012, que eram motivo de preocupação para o Brasil, não se intensificaram ou mudaram de direção e tendências positivas se intensificaram. Os produtos classificados como *Oportunidade Aproveitada* (mais demandados pela região) passaram de uma participação relativa de 25% no total das exportações brasileiras em 2012 para 45% em 2015, um avanço expressivo de 20 p.p. (bem maior que observado na comparação de 2012 com 2008, de 8 p.p.). Outros resultados positivos para o Brasil foram: o declínio de 12 p.p. da participação dos produtos classificados como *Oportunidade Perdida*, que diminuiu para 13% do total (reco bem mais intenso que no período anterior, de 30% para 25%); a queda ainda maior no grupo *Produtos em Declínio*, de 33% para 15% do total (-18 p.p.), que tinham

ampliado sua participação entre 2008 e 2012 (de 28% para 33%). Ou seja, a tendência de aumento da especialização em produtos pouco dinâmicos foi interrompida.

No caso das exportações da China, a participação de produtos com *Oportunidade Aproveitada* aumentou 11 p.p. (contra +7 p.p. entre 2008 e 2012). Embora esse aumento tenha sido menor que o registrado pelo Brasil (ao contrário do observado no período anterior), o que resultou na redução da diferença entre os dois países, o peso relativo desses produtos de maior dinamismo na pauta exportadora da China continuou superior (56% contra 45%). Outro resultado positivo foi a forte queda da participação dos *Produtos em Declínio*, que passou do patamar de 30% em 2008 e 2012 para 5% do total em 2015. Em contrapartida, os produtos com *Oportunidade Perdida*, que registraram praticamente a mesma participação nos dois anos precedentes, aumentaram seu peso no total das vendas externas chinesas, atingindo 18% em 2015 (5 p.p. acima da participação nas exportações brasileiras em 2015).

No que se refere ao grau de ameaça das exportações chinesas, em 2015 elas representavam uma ameaça direta principalmente nos produtos em que o Brasil perdeu oportunidades de mercado, isto é, os produtos classificados como *Oportunidades Perdidas*. Porém, essa ameaça direta era mais preocupante para as exportações brasileiras em 2012, já que os produtos com oportunidades perdidas representavam 25% dessas exportações para as três regiões (e a ameaça das exportações chinesas nesses produtos era de 76%). A situação em 2008 era bem parecida. Em 2015, esse percentual recuou para 13% e o grau de ameaça para 68,7%. Outro motivo de preocupação em 2012 era a ameaça indireta das exportações da China (de 36,4%) nas exportações brasileiras com *Oportunidades Aproveitadas* (um pouco inferior que à observada em 2008). Contudo, em 2015, o grau de ameaça indireta das vendas externas chinesas nessa categoria recuou para menos de 5%.

Em termos de região de destino das exportações, no caso dos produtos exportados pelo Brasil que sofriam *Ameaça Direta* das exportações chinesas e tinham como destino o Nafta, a participação aumentou de 39,5% em 2012 para 45,2% em 2015. Esse resultado é desfavorável, já que no âmbito das três regiões consideradas, o Nafta foi o mercado mais dinâmico no período analisado devido ao desempenho dos Estados Unidos. Em contrapartida, a redução da participação da Aladi neste grupo sob ameaça direta (de 23,4% para 17,3%) é positiva, pois essa região é o principal destino de produtos manufaturados brasileiros.

No que se refere aos produtos que sofreram *Ameaça Indireta*, o Mercosul foi o principal destino em 2015 (42,2%), assim como nos dois anos anteriores (em 2012 o percentual era um pouco maior, enquanto em 2008 menor). Já as posições do Nafta e da Aladi

se inverteram entre 2012 e 2015. A Aladi tornou-se a segunda principal região de destino dessa categoria de produtos em 2015 (29,8%), seguida pelo Nafta (27,9%).

Em suma, considerando os resultados em termos de dinamismo e grau de ameaça, a trajetória de aumento do “efeito-concorrência” das exportações chinesas entre 2008 e 2012 nas principais regiões de destino das exportações brasileiras de produtos manufaturados não persistiu no triênio subsequente. Assim, este Estudo também traz informações que contribuem para a compreensão das mudanças no perfil do comércio exterior brasileiro em 2015 mencionadas acima, sobretudo o melhor desempenho das exportações da indústria de transformação.

Embora estudos adicionais sejam necessários para identificar de forma mais precisa os determinantes da interrupção da tendência de perda de dinamismo e de *market-share* das exportações brasileiras nas regiões selecionadas entre 2012 e 2015, é possível identificar alguns fatores externos e internos que contribuíram para este resultado. Do lado externo, o contexto internacional foi desfavorável tanto do ponto de vista do crescimento da demanda externa como dos preços das commodities, mas a apreciação do dólar no biênio 2014-2015 favoreceu as exportações brasileiras já que significou, igualmente, apreciação da moeda chinesa (a paridade fixa com o dólar foi abandonada em 2010, mas o regime cambial vigente desde então procura manter a cotação do Renminbi relativamente estável em relação à moeda americana). Do lado interno, dois fatores atuaram positivamente: a desaceleração da atividade econômica, que culminou na recessão em 2015; e, sobretudo, a desvalorização da moeda brasileira em termos reais. Assim, para que as exportações brasileiras de bens manufaturados não retomem aquela tendência, seria fundamental a manutenção da taxa de câmbio em patamares competitivos.

Finalmente, é importante mencionar que as exportações brasileiras de bens manufaturados para os países latino-americanos das regiões analisadas também foram negativamente afetadas pelos múltiplos acordos comerciais que têm sido assinados com países externos à região, que acabam beneficiando produtos provenientes de países com vantagens competitivas, como a China. Assim, o governo brasileiro também deve adotar uma estratégia de política que busque um modelo favorável de acordos de comércio e estimule a integração da indústria brasileira nas cadeias regionais e globais de valor mediante a diversificação da base industrial e investimentos no mercado regional.

O detalhamento setorial dos produtos em termos de dinamismo e ameaça das exportações chinesas, realizado no final dessa Carta, pode contribuir para o desenho dessa

estratégia. Mudanças relevantes foram observadas em 2015 em relação a 2012, como, por exemplo, o aumento da participação de produtos do setor de outros equipamentos de transporte nas exportações brasileiras com *Oportunidades Aproveitadas*, que passou de somente 0,3% em 2012 (mesmo patamar de 2008) para 20,4% em 2015. Ao que tudo indica, esse resultado favorável decorre das vendas externas de aeronaves da Embraer, que certamente se beneficiaram do ganho de competitividade associado à depreciação da moeda brasileira.

Introdução

No acumulado de janeiro a setembro de 2016, a balança comercial brasileira foi superavitária em US\$ 36,2 bilhões, cifra 255% superior ao saldo positivo de US\$ 10,2 bilhões observado no mesmo período de 2015, após dois anos consecutivos de déficit. Como ressaltado na Carta IEDI n. 757, como o superávit em produtos primários declinou (de US\$ 40,2 bilhões para 39,8 bilhões), o responsável por essa melhora no desempenho do comércio exterior brasileiro foi o expressivo recuo do déficit da indústria de transformação para US\$ 3,6 bilhões, o menor para esse período desde 2008, quando foi registrado o primeiro resultado negativo desde 2002. Também é importante destacar que a trajetória de redução desse déficit iniciou-se em 2014 e se intensificou em 2015 (US\$ 49,2 bilhões e US\$ 29,9 bilhões, considerando sempre o acumulado janeiro-setembro).

Uma diferença importante no resultado de 2016 foi o crescimento das exportações (embora bem tímido, em 0,7%), enquanto as importações retraíram-se 21,6%. Já em 2015, a redução do déficit (em quase US\$ 20 bilhões) decorreu da maior queda das compras relativamente às vendas externas (20,4% contra 11,1%, respectivamente). Contudo, a queda das exportações dos produtos primários foi ainda mais expressiva (24,5%). Ou seja, o desempenho das exportações da indústria de transformação atenuou a queda do total das exportações brasileiras (16,8%).

A dinâmica tanto da balança comercial de produtos primários como dos bens típicos da indústria de transformação tornou-se desde 2003 estreitamente vinculada ao crescimento econômico e da demanda externa da China mediante dois efeitos antagônicos. Por um lado, o “efeito complementaridade”, que beneficiou (principalmente no período anterior à crise financeira global) as exportações brasileiras tanto de forma direta (impulsionando as vendas externas de commodities), como indireta (aumentando as exportações de bens manufaturados para países latino-americanos exportadores de commodities). Por outro lado, o “efeito concorrência”, associado à consolidação da China como produtora e exportadora de produtos manufaturados, que afetou negativamente a indústria brasileira por dois canais: invasão de importações e crescimento das exportações para mercados tradicionais de fornecedores brasileiros de manufaturados.

Esses dois canais reforçaram-se após a crise financeira e econômica global de 2008-2009 devido à estratégia da China de aumentar sua presença na periferia capitalista para compensar a perda de dinamismo nas economias centrais. No âmbito dessa estratégia, aumentaram as exportações chinesas para três importantes regiões de destino das vendas

externas brasileiras de bens manufaturados - Mercosul (Argentina, Uruguai, Paraguai), Aladi (Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela) e Nafta -, superando, em 2012, o valor registrado pelo Brasil.

Na Carta IEDI n. 590 (divulgada em 20/09/2013) avaliou-se o impacto do “efeito concorrência” das exportações chinesas sobre as exportações brasileiras para esses três mercados de destino após a crise financeira global com base na comparação de 2012 com 2008. Nesta Carta, as informações foram atualizadas para 2015 (último dado disponível na base de dados da COMTRADE) e comparados com os resultados de 2012. Os dados de 2008 também são apresentados a título de comparação e mencionados na análise quando considerado necessário.

Como na Carta precedente sobre o tema, as exportações dos dois países foram agrupadas em quatro categorias de dinamismo: *Oportunidade Aproveitada*, em que o produto em questão ganha participação na pauta da região e o país (Brasil ou China) também ganha participação neste mercado; *Oportunidade Perdida*, em que o produto ganha participação na região, mas o país em questão perde participação na exportação desse produto para essas regiões; *Produto em Declínio*, em que o produto está perdendo participação no mercado em questão e o país está ganhando participação com esses produtos nesse mercado; *Produto em Retrocesso*, em que o produto está perdendo participação na pauta da região e o país está perdendo mercado nesse produto.

Em seguida, foi calculada a ameaça das exportações chinesas às exportações brasileiras nessas quatro categorias: há *Ameaça Direta* quando, para um certo produto, há aumento de *market-share* da China para um país determinado, ao mesmo tempo em que o Brasil reduz seu *market-share* no mesmo país; há *Ameaça Indireta* quando o aumento do *market-share* da China em determinado produto for maior do que o aumento do *market-share* do Brasil nesse mesmo produto para o mesmo país. Os produtos que não estão sendo ameaçados pelas exportações chinesas foram classificados como *Sem Ameaça*. Finalmente, o estudo também detalhou essas duas variáveis (categoria de produtos em termos de dinamismo e grau de ameaça) em termos setoriais.

Como detalhado nas próximas seções, várias tendências negativas identificadas em 2012, que eram motivo de preocupação para o Brasil, não se intensificaram ou mudaram de direção, enquanto que as tendências positivas se intensificaram. Embora no triênio 2012-2015 (relativamente ao período analisado na carta anterior), o desempenho da maioria dos países das regiões selecionadas tenha sido mais desfavorável para as exportações brasileiras de bens

manufaturados (em função da perda de dinamismo do comércio internacional e da deflação dos preços das commodities), dois fatores internos atuaram em sentido contrário: a desvalorização cambial em termos reais e a desaceleração da economia brasileira, que entrou em recessão em 2015. Do lado externo, o contexto internacional foi desfavorável tanto do ponto de vista do crescimento da demanda externa como dos preços das commodities, mas a apreciação do dólar no biênio 2014-2015 favoreceu as exportações brasileiras já que significou, igualmente, apreciação da moeda chinesa (a paridade fixa com o dólar foi abandonada em 2010, mas o regime cambial vigente desde então procura manter a cotação do Renminbi relativamente estável em relação à moeda americana).

O desempenho das exportações chinesas e brasileiras no pós-crise

Na comparação de 2015 com 2012, o valor total exportado pela China aumentou 12,9%, enquanto no caso do Brasil houve recuo de 21,2%. Se considerarmos a soma das exportações para as três regiões analisadas (Mercosul, Aladi e Nafta), a diferença de desempenho foi um pouco menor: as exportações chinesas aumentaram 8,3% e as brasileiras diminuíram praticamente na mesma intensidade que o total, 21,8%. Para as demais regiões, o desempenho das exportações brasileiras foi semelhante (-21%), enquanto no caso da China o desempenho foi mais favorável (+14,4%).

Já na comparação de 2012 e 2008, os dois países aumentaram o valor exportado total, porém o crescimento das exportações chinesas foi quase o dobro das exportações brasileiras (42,8% contra 23,3%). No caso das regiões analisadas, a diferença de desempenho foi ainda maior: enquanto o total exportado pela China avançou 47,6%, as exportações brasileiras aumentaram somente 1,9%.

Como os dados referem-se aos valores exportados, essa diferença expressiva nos resultados de 2012 e 2015 está associada ao ciclo de preços das commodities após a crise financeira global: sua fase de alta estendeu-se de 2009 a meados de 2011; a fase de baixa acentuou-se após 2013 (para as três categorias de commodities, ou seja, agrícolas, metálicas e energéticas) e atingiu o vale em 2015. Assim, enquanto o avanço das exportações entre 2008 e 2012 decorreu, em grande parte, da evolução favorável desses preços, a retração entre 2012 e 2015 teve forte influência da sua deflação. Além disso, o comércio internacional perdeu dinamismo nesse último triênio (num contexto de baixo crescimento da economia mundial), afetando negativamente as quantidades exportadas, sobretudo pela China, cuja pauta exportadora concentra-se em produtos manufaturados, com maior elasticidade-renda da demanda. Esse fator foi um dos determinantes da menor taxa de crescimento das vendas externas chinesas em 2015 frente a 2012 em comparação com a registrada em 2012 frente a 2008. O segundo fator foi a mudança do perfil de crescimento da China, com o aumento da importância do mercado interno frente ao externo (ver Carta IEDI n. 755).

Exportações Brasileiras e Chinesas em Milhões de Dólares

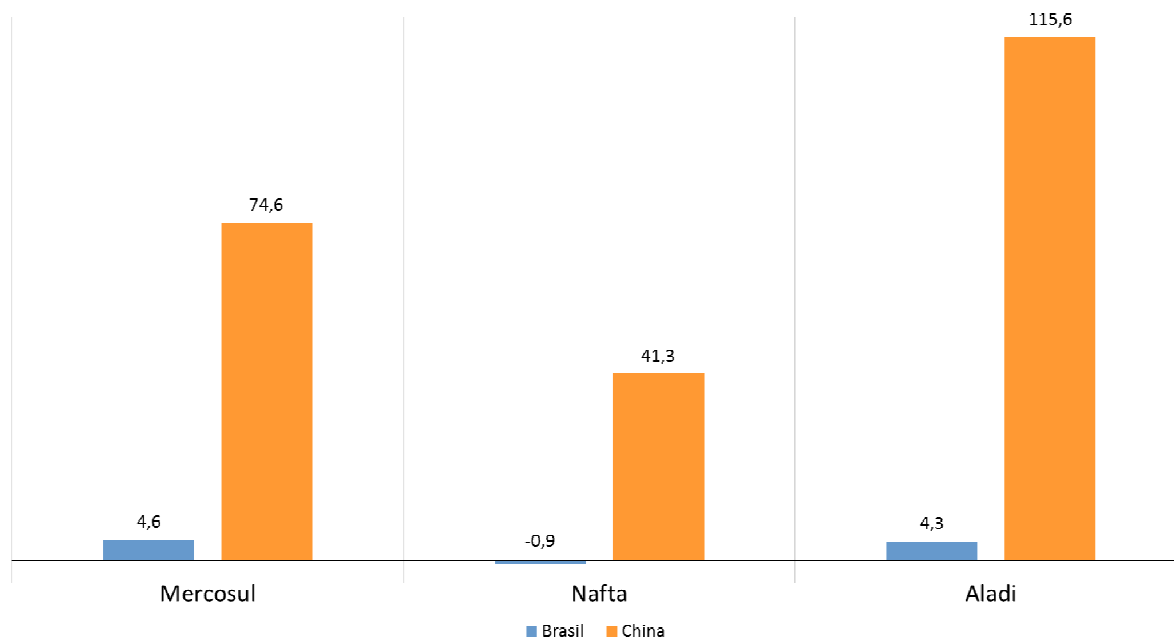
	Brasil			China		
	2008	2012	2015	2008	2012	2015
Mercosul	21.441,76	22.423,92	17.245,35	25.468,04	44.476,30	37.105,87
Nafta	32.564,05	32.281,08	26.812,41	286.465,54	404.655,10	453.887,75
Aladi	14.853,32	15.494,61	10.845,44	16.821,89	36.270,30	34.575,88
Demais Regiões	129.083,31	172.380,17	136.223,70	1.085.674,88	1.535.026,13	1.756.286,42
Total	197.942,44	242.579,78	191.126,89	1.414.430,35	2.020.427,83	2.281.855,92

Fonte: COMTRADE. Elaboração: IEDI.

Na comparação de 2015 com 2012, o desempenho positivo das exportações da China para o total das três regiões decorreu, exclusivamente, das vendas para o Nafta, que avançaram 12,2%, passando a responder por 86,4% do total exportado para as três regiões consideradas (contra 83,4% em 2012). Já as exportações para o Mercosul e Aladi recuaram 16,6% e 4,7%, respectivamente. Com isso, as participações dessas duas regiões caíram para 7,1% e 6,6% (contra 9,2% e 7,5% em 2012). Notar que em 2012 (em relação a 2008), as exportações chinesas aumentaram para as três regiões.

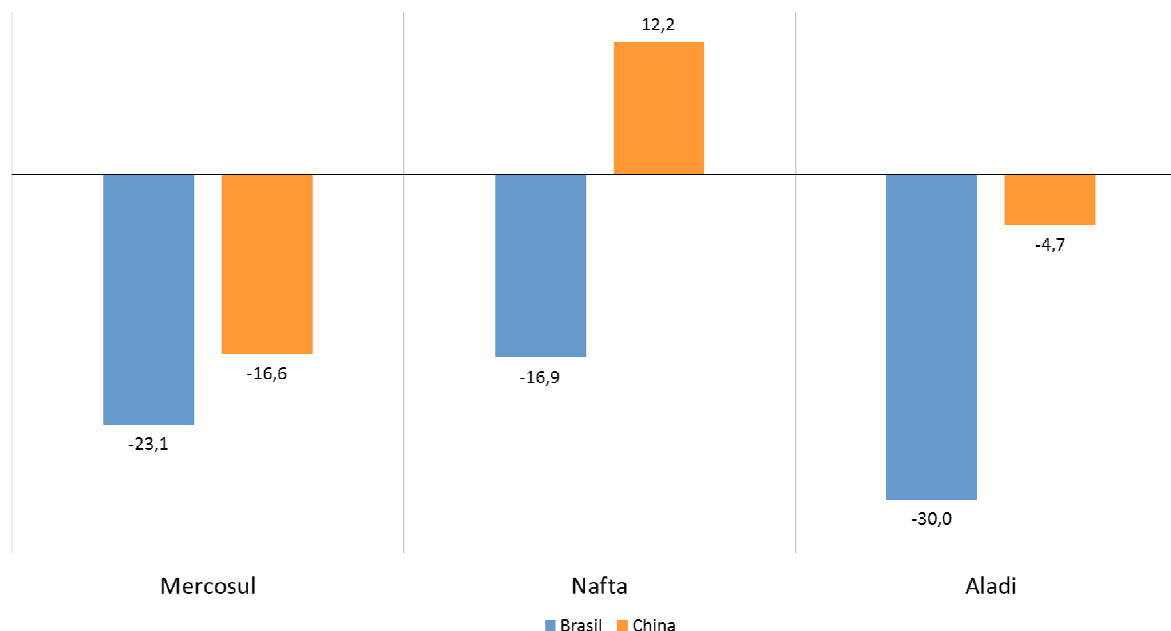
Em contrapartida, as exportações brasileiras para as regiões analisadas diminuíram, mas em diferentes intensidades: -16,9% para o Nafta, -23,1% para o Mercosul e -30% para a Aladi (já na comparação de 2012 com 2008, houve aumento para as três regiões). Consequentemente, a Aladi passou a responder por 19,8% do total das três regiões, o Mercosul por 31,4% e o Nafta por 48,8% (frente aos percentuais de 22,1%, 31,9% e 46% em 2012). Também vale mencionar que, como o desempenho das exportações brasileiras foi relativamente muito pior, em 2015 a China passou a exportar mais que o dobro que o Brasil para o Mercosul e mais que o triplo para a Aladi (em 2008, os valores exportados pelos dois países para essas duas regiões eram relativamente parecidos).

Variação Percentual das Exportações Brasileiras e Chinesas para Regiões Seleccionadas de 2008 a 2012



Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

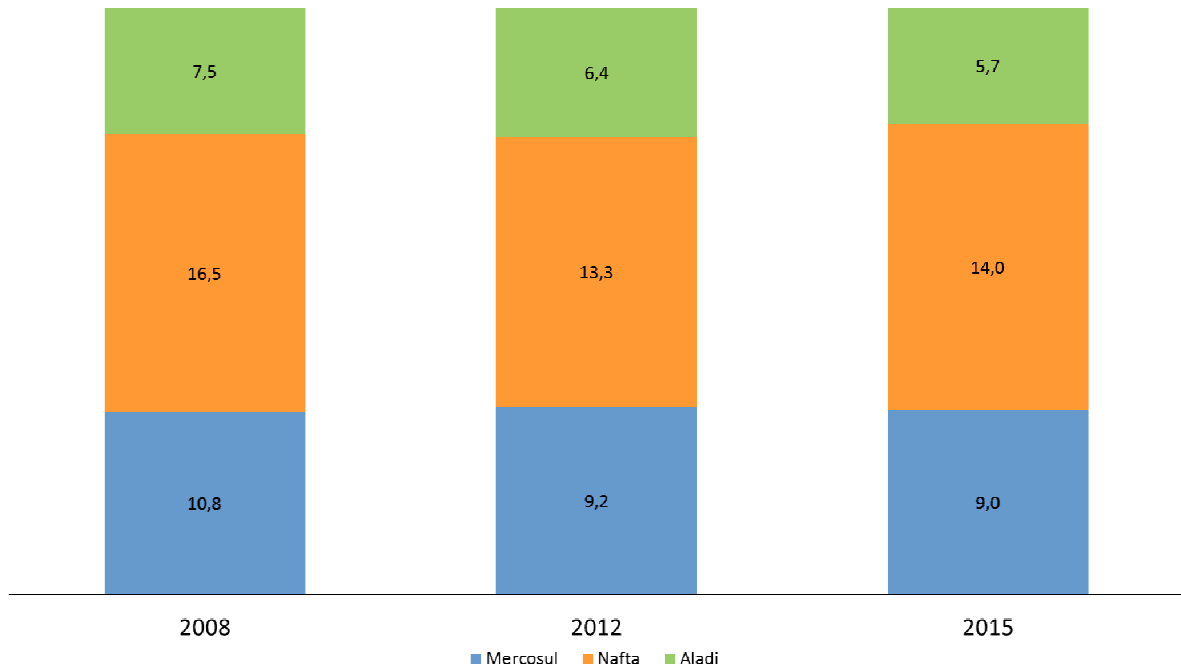
Varição Percentual das Exportações Brasileiras e Chinesas para Regiões Seleccionadas de 2012 a 2015



Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Considerando agora a participação das três regiões no total das exportações dos dois países, praticamente não houve mudanças entre 2012 e 2015: no caso do Brasil, de 28,9% para 28,7% e da China de 24% para 23%. O peso de cada região no total também não sofreu variações significativas. No que se refere às exportações brasileiras, as participações da Aladi e do Nafta recuaram na mesma intensidade (0,7 ponto percentual – p.p), respondendo por 5,7% e 14% do total em 2015, respectivamente. Já o peso do Mercosul recuou somente 0,2 p.p, para 9%. Em contrapartida, no caso das exportações chinesas, a perda de participação do Mercosul foi relativamente maior (de 0,6 p.p., para 1,6%); o peso da Aladi diminuiu 0,3%, para 1,5%; e do Nafta ficou praticamente no mesmo patamar (20%). Assim, embora as participações das vendas externas da China e do Brasil nas três regiões sejam bastante diferentes, nos dois casos houve recuo nos pesos do Mercosul e da Aladi, enquanto no caso do Nafta a participação do Brasil aumentou e da China manteve-se constante.

Participação de Regiões Seleccionadas no Total das Exportações Brasileiras (%)



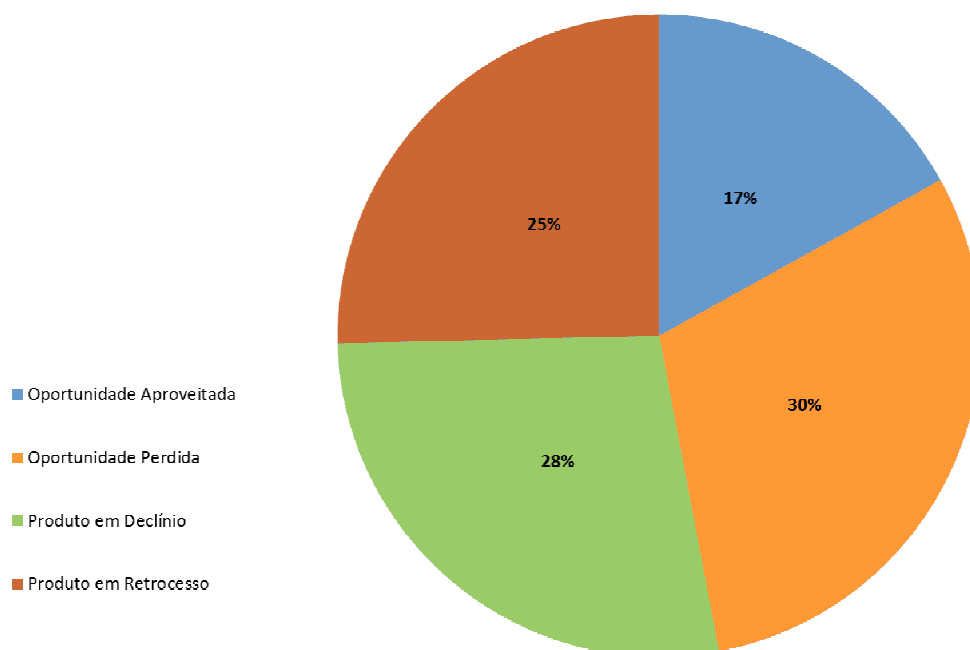
Participação de Regiões Seleccionadas no Total das Exportações Chinesas (%)



Dinamismo da pauta exportadora do Brasil e da China

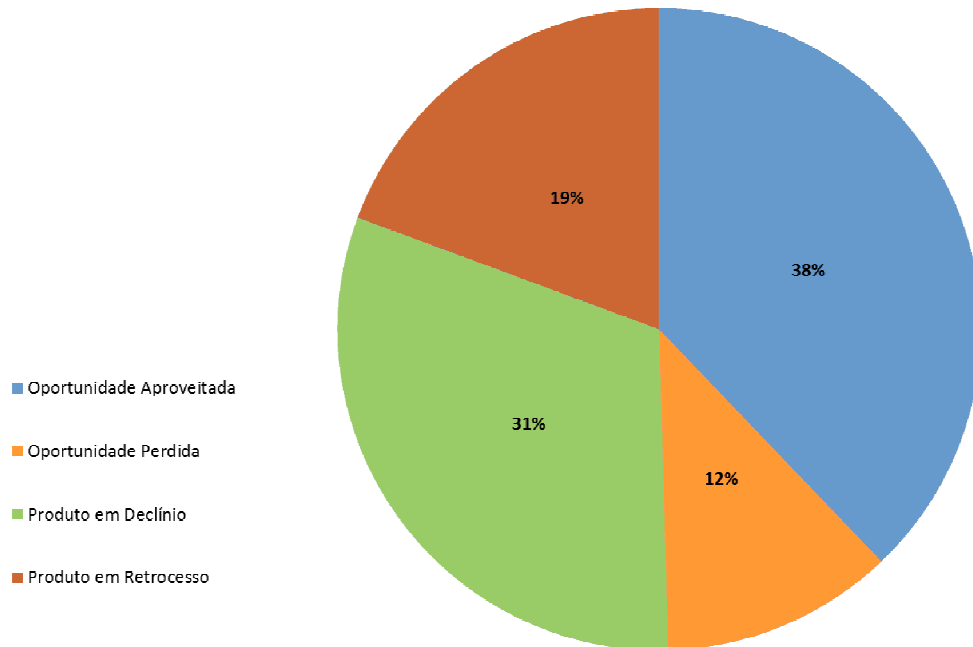
As exportações brasileiras e chinesas para os mercados de destino selecionados foram agrupadas em quatro categorias, considerando os produtos com a maior desagregação possível (na classificação HS da Comtrade é 6 dígitos). A primeira categoria é *Oportunidade Aproveitada*, em que o produto em questão ganha participação na pauta e o país (Brasil ou China) também ganha participação. A segunda é *Oportunidade Perdida*, em que o produto ganha participação, mas o país perde participação na exportação desse produto para essas regiões. A terceira é *Produto em Declínio*, em que o produto está perdendo participação nos mercados em questão e o país está ganhando participação. E a quarta *Produto em Retrocesso*, em que o produto e o país estão perdendo participação.

Exportações Brasileiras para Países Selecionados em 2008



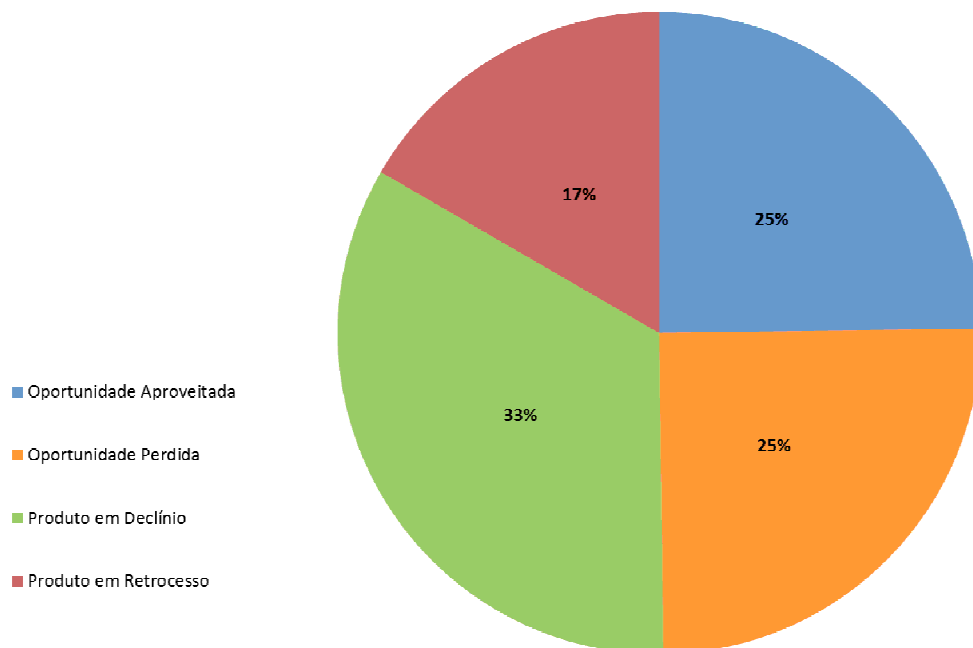
Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Exportações Chinesas para Países Selecionados em 2008



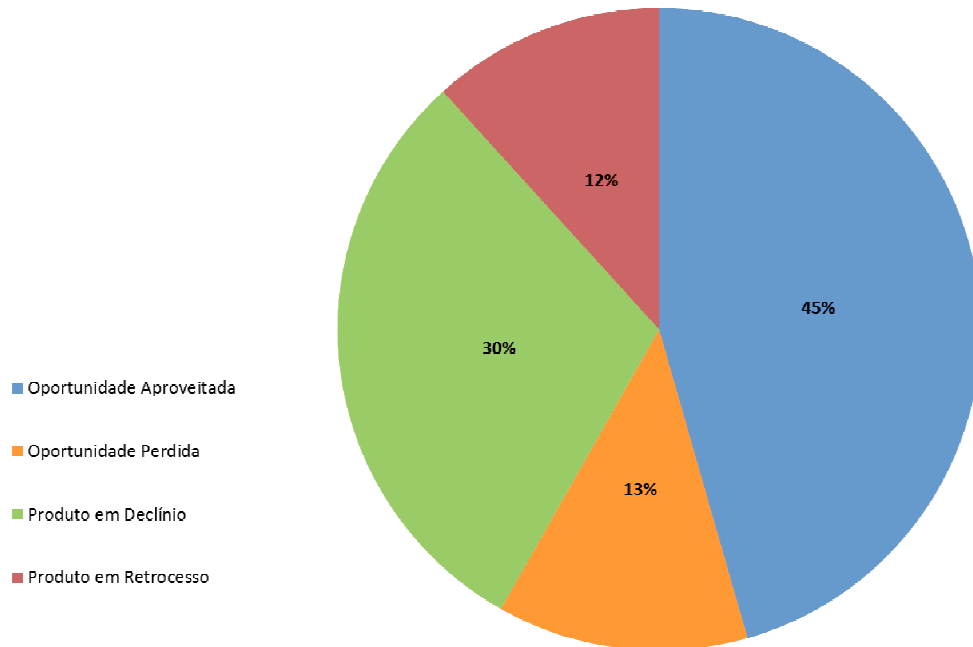
Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Exportações Brasileiras para Países Selecionados em 2012



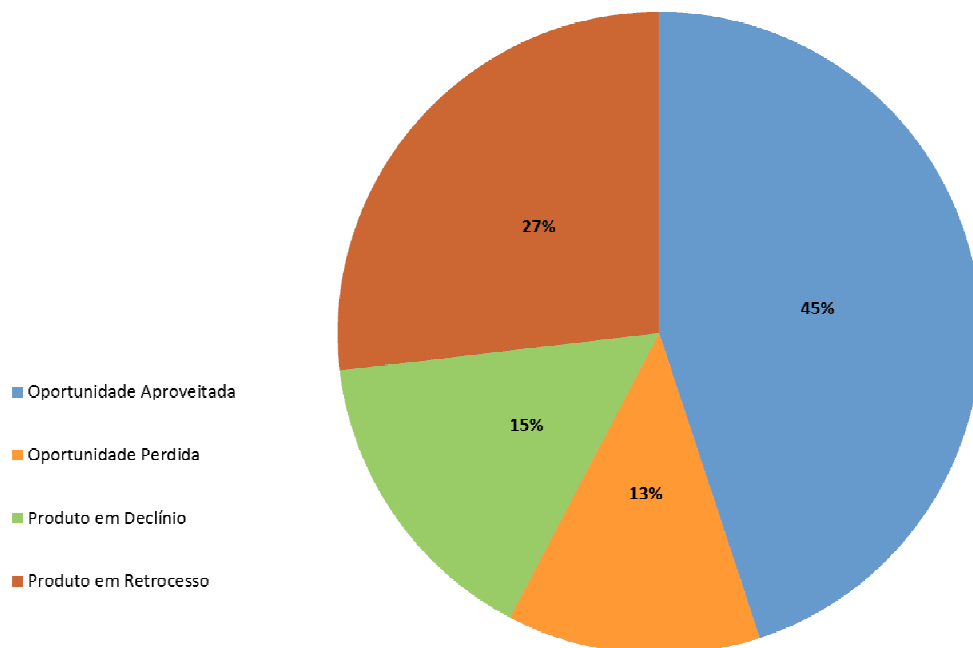
Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Exportações Chinesas para Países Selecionados em 2012



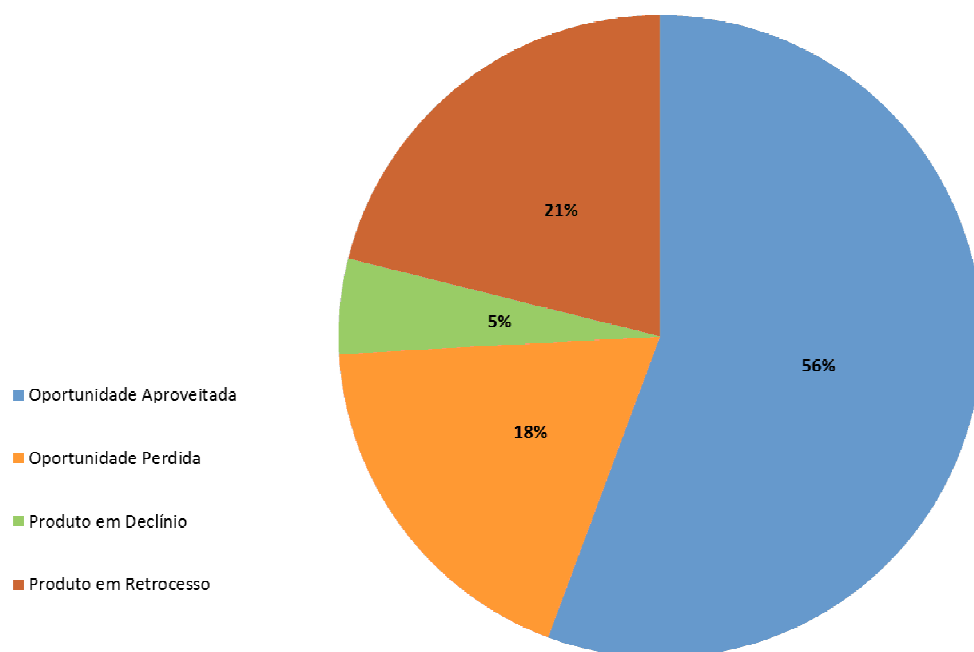
Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Exportações Brasileiras para Países Selecionados em 2015



Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Exportações Chinesas para Países Selecionados em 2015



Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

No caso das exportações da China, a participação de produtos com *Oportunidade Aproveitada* também aumentou entre 2012 e 2015 (11 p.p., para 56%), mas em menor intensidade que no caso do Brasil (já em relação ao período anterior, o avanço foi mais expressivo). Mas, ao contrário do observado para o Brasil, os produtos com *Oportunidade Perdida*, que registraram praticamente a mesma participação nos dois anos precedentes, também aumentaram seu peso no total (+ 5.5 p.p.), atingindo 18% em 2015 (5 p.p. acima da participação nas exportações brasileiras em 2015). No caso dos *Produtos em Retrocesso*, sua participação aumentou 9% para 21%, patamar um pouco superior ao registrado em 2008 (19%). Contudo, o dado positivo e que mais chama atenção foi a forte queda da participação dos *Produtos em Declínio*, que passou do patamar de 30% em 2008 e 2012 para 5% do total.

A comparação das exportações brasileiras com as exportações chinesas entre 2012 e 2015 revela que a China se inseriu nos mercados selecionados, principalmente, no segmento de produtos com *Oportunidades Aproveitadas*, ou seja, naqueles mais demandados pela região, que responderam por mais de 55% do total em 2015. Já o Brasil também ganhou maior espaço nas exportações desses produtos, mas sua participação continuou bem inferior (10 p.p.) à chinesa. Além disso, no caso brasileiro, ao contrário da China, a participação nesse grupo de maior dinamismo também seguiu inferior à soma das três outras categorias (*Oportunidades Perdidas*, *Produtos em Declínio* e *Produtos em Retrocesso*).

A ameaça das exportações chinesas às exportações brasileiras

Vários trabalhos debruçaram-se sobre o crescimento recente das exportações chinesas para a América Latina. Lall e Veis (2007) argumentam que a estrutura das exportações da China e dos países da América Latina, com exceção do México, é muito diferente e que, por isso, a China não seria um forte concorrente da região. Santiso et.al. (2007) também concluem que o grau de concorrência entre a China e os países da América Latina é baixo, porém o Brasil estaria em uma situação intermediária, devido ao seu maior grau de industrialização. Moreira (2004), por sua vez, mostra um aumento da competição entre Brasil e China na região no período pré-crise. Considerando este resultado de Moreira (op. cit.), Hiratuka e Sarti (2009) verificaram um crescimento expressivo da ameaça chinesa às exportações brasileiras de 2000 e 2006 para todas as regiões analisadas. Um trabalho mais recente (Costa, Castilho e Torraca, 2016) analisa as participações do Brasil e da China no mercado de manufaturados da ALADI no período 2000-2013 e concluem que a perda de mercado pelo Brasil pode ser, em grande parte, creditada à China (atualmente o principal parceiro externo da região) e se intensificou após a crise financeira global de 2008. Esse resultado ancora-se tanto no descompasso entre as taxas de crescimento do *market share* brasileiro e chinês nessa região como no grau de competição revelado pela evolução da similaridade da pauta exportadora dos dois países.

Neste Estudo, adotou-se a metodologia utilizada por Hiratuka e Sarti (2009) para avaliar a ameaça das exportações chinesas às exportações brasileiras nos quatro grupos de produtos identificados na seção precedente. Esses autores classificam o grau de ameaça em três categorias: (i) *Ameaça Direta* quando, para um produto, há aumento de *market-share* da China para um país determinado, ao mesmo tempo em que o Brasil reduz seu *market-share* no mesmo país; (ii) *Ameaça Indireta* quando o aumento do *market-share* da China em determinado produto for maior do que o aumento do *market-share* do Brasil nesse mesmo produto para o mesmo país; (iii) *Sem Ameaça*, quando os produtos não estão sendo ameaçados pelas exportações chinesas nem direta nem diretamente.

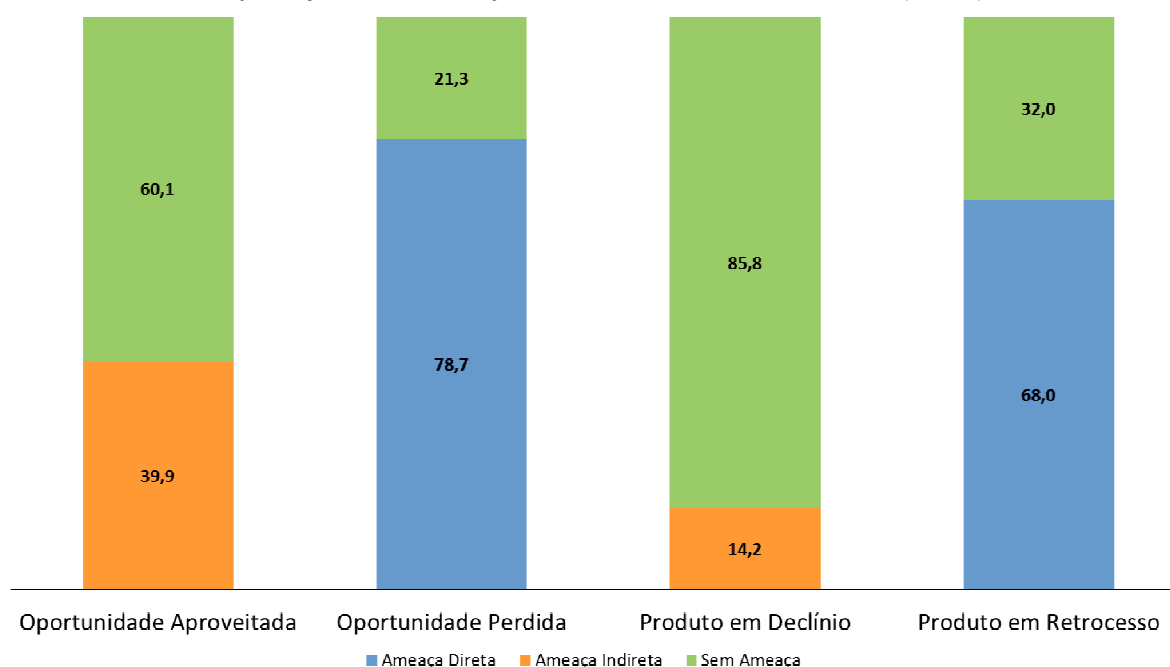
Em 2015, as exportações da China para os países selecionados representaram uma ameaça direta principalmente nos produtos em que o Brasil perdeu oportunidades de mercado, isto é, os produtos classificados como *Oportunidades Perdidas*. Esses produtos provavelmente se encontram no grupo de produtos com *Oportunidades Aproveitadas* pela China, no qual há aumento da demanda da região e das exportações chinesas. Essa ameaça direta era mais preocupante para as exportações brasileiras em 2012, já que os produtos com oportunidades perdidas representavam 25% dessas exportações para as três regiões (e a

ameaça das exportações chinesas nesses produtos de 76%). A situação em 2008 era bem parecida. Em 2015, esse percentual recuou para 13% e o grau de ameaça para 68,7%.

Outro resultado que era motivo de preocupação em 2012 era a ameaça indireta das exportações da China (de 36,4%) nas exportações brasileiras com *Oportunidades Aproveitadas* (um pouco inferior à observada em 2008). Contudo, em 2015, o grau de ameaça indireta das vendas externas chinesas recuou para menos de 5%. Este resultado é coerente com o maior crescimento das exportações brasileiras desses produtos em relação às chinesas para os mercados analisados (ver seção anterior).

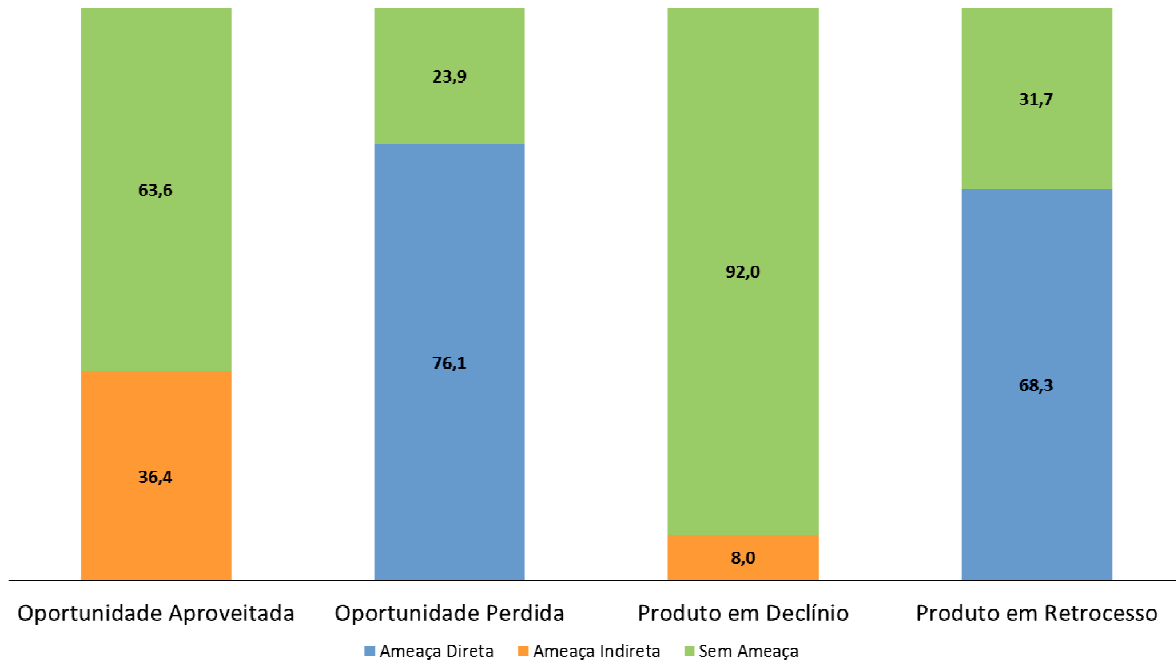
As exportações brasileiras que sofreram a menor ameaça das exportações chinesas em 2015 (assim como em 2008 e 2012) foram as de produtos classificados como *Produtos em Declínio*. Ou seja, o Brasil logrou ser competitivo em relação à China sobretudo nos produtos que têm sofrido redução da demanda nessas regiões. Já nos *Produtos em Retrocesso*, a ameaça direta chinesa era bem mais expressiva em 2008 e 2012 do que em 2015 (68,3% contra 38,8%, respectivamente).

Exportações Brasileiras para Países Selecionados em 2008 (em %)



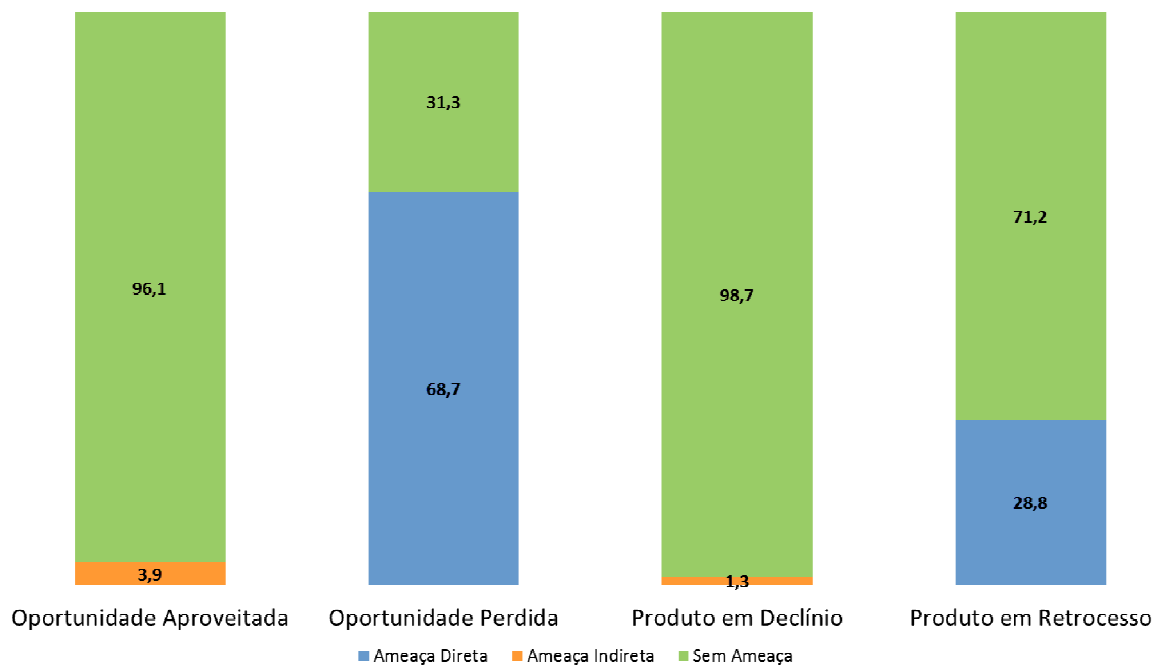
Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Exportações Brasileiras para Países Selecionados em 2012 (em %)



Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Exportações Brasileiras para Países Selecionados em 2015 (em %)

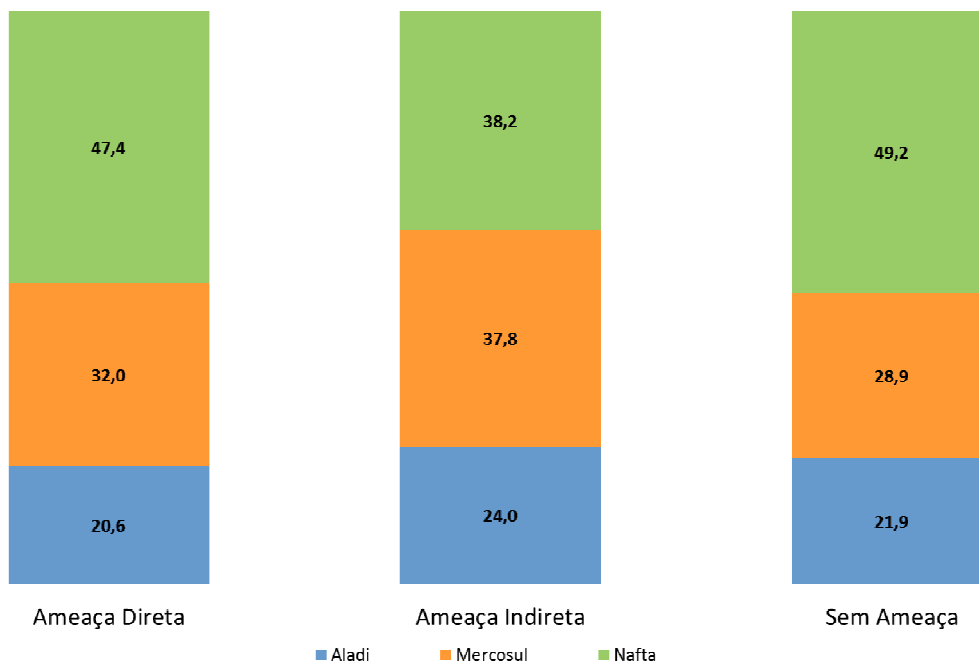


Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Em termos de região de destino das exportações, no caso dos produtos exportados pelo Brasil que sofriam ameaça direta das exportações chinesas e tinham como destino o Nafta, a participação aumentou de 39,5% em 2012 para 45,2% em 2015. Esse resultado é desfavorável, já que no âmbito das três regiões consideradas, o Nafta foi o mercado mais dinâmico no período analisado. Em contrapartida, a redução da participação da Aladi nesse grupo (de 23,4% para 17,3%) é positiva, pois essa região é o principal destino de produtos manufaturados brasileiros, como destacam Costa, Castilho e Torraca (2016). Já o peso do Mercosul não sofreu alteração.

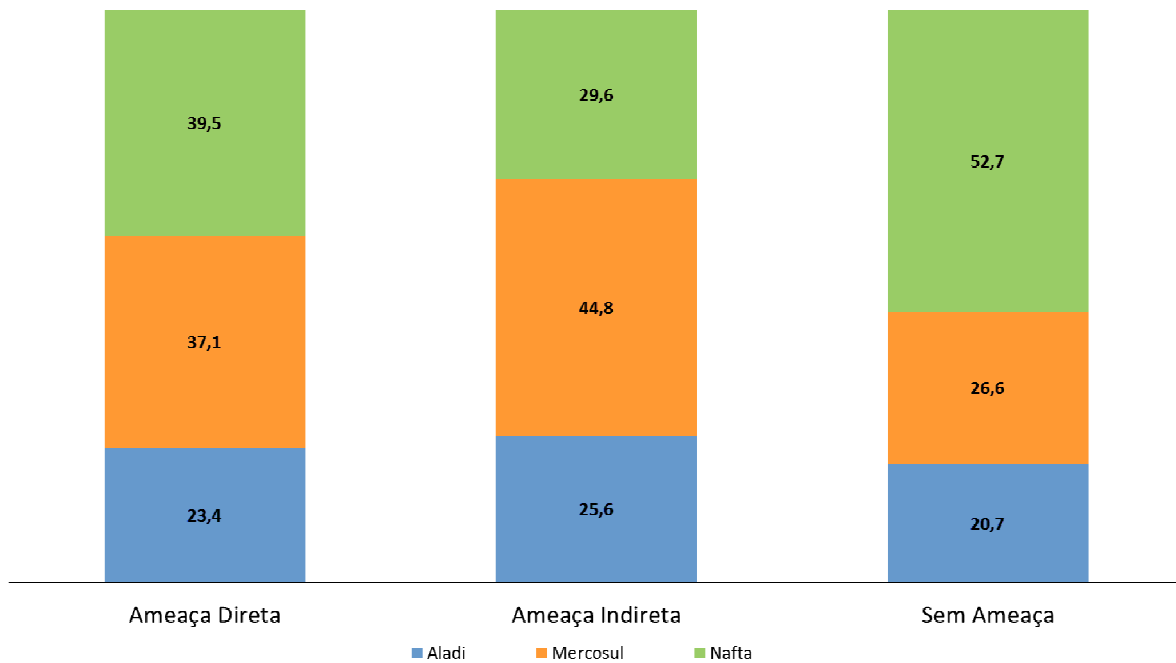
No que se refere aos produtos que sofreram *Ameaça Indireta*, as participações das três regiões foram bem diferentes em relação às observadas para os produtos com ameaça direta. O Mercosul foi o principal destino em 2015 (42,2%), assim como nos dois anos anteriores (em 2012 o percentual era um pouco maior, enquanto em 2008 menor). Já as posições do Nafta e da Aladi se inverteram entre 2012 e 2015. A Aladi tornou-se a segunda principal região de destino dessa categoria de produtos em 2015 (29,8%), seguida pelo Nafta (27,9%). Finalmente, nos *Produtos sem Ameaça*, a maior participação foi do Nafta tanto em 2015 como em 2008 e 2012, indicando uma maior competitividade dos produtos brasileiros nesse mercado.

Exportações Brasileiras Ameaçadas por Região em 2008 (em %)



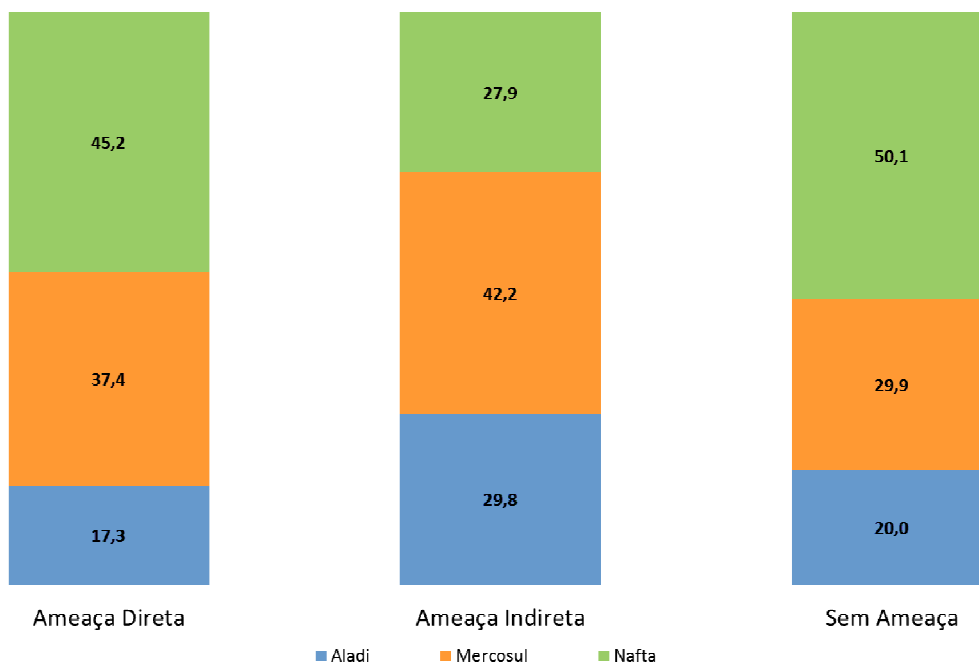
Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

Exportações Brasileiras Ameaçadas por Região em 2012 (em %)



Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Exportações Brasileiras Ameaçadas por Região em 2015 (em %)



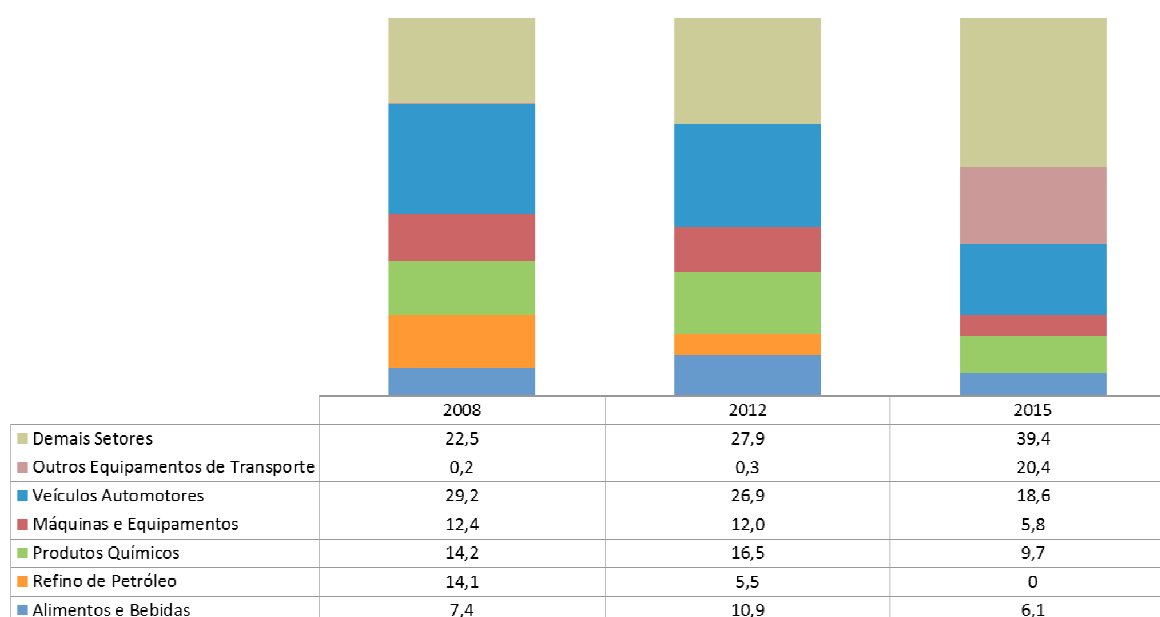
Fonte: Comtrade. Elaboração IEDI.

Análise setorial

Oportunidades aproveitadas

Em 2015, as principais exportações brasileiras de produtos com *Oportunidades Aproveitadas* pertenciam, em ordem decrescente de importância, aos setores de outros equipamentos de transporte, veículos automotores, produtos químicos, alimentos e bebidas e máquinas e equipamentos. O dado que mais chama atenção é o impressionante aumento da participação dos produtos do setor de outros equipamentos de transporte, que passou de somente 0,3% em 2012 (mesmo patamar de 2008) para 20,4% em 2015. Esse resultado favorável decorre, ao que tudo indica, das vendas externas de aeronaves pela Embraer. Em contrapartida, o peso dos produtos dos demais setores diminuiu em relação a 2012, com destaque para veículos automotores (que perdeu a posição de liderança registrada em 2008 e 2012 devido ao recuo de 8,3 p.p.), produtos químicos (6,8 p.p.) e máquinas e equipamentos (6,2 p.p.) – que ocupavam a segunda e terceira posições em 2012, respectivamente.

Oportunidades Aproveitadas pelas Exportações Brasileiras para Países Selecionados (em %)

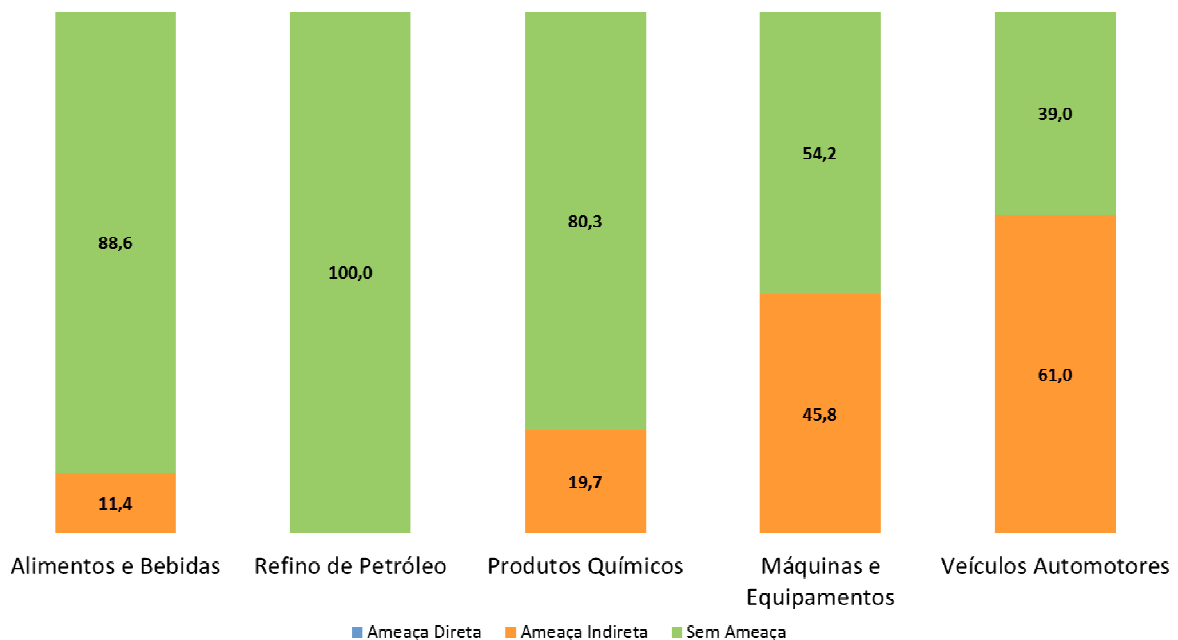


Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

Assim, na passagem de 2012 para 2015, os pesos relativos dos produtos classificados na categoria *Oportunidades Aproveitadas* sofreram significativa alteração (notar que o perfil

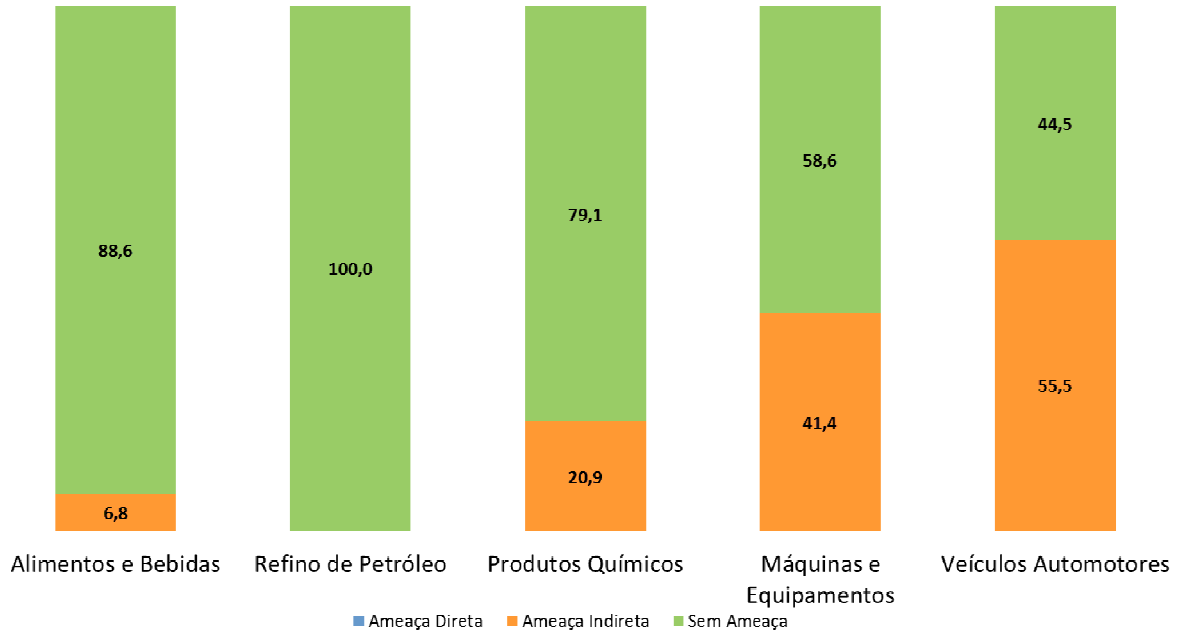
setorial em 2008 era semelhante ao registrado em 2012). A análise do grau de ameaça das exportações chinesas pode contribuir para entender esse resultado. Em 2012 (e 2008) somente produtos do setor de Refino de Petróleo (no qual o Brasil tem vantagem competitiva) não sofriam ameaça indireta das exportações chinesas. Em 2015, em contrapartida, essa ameaça ainda estava presente apenas em produtos do setor de máquinas e equipamentos, mas num grau muito menor do que o registrado em 2012 (9,4% contra 41,4%). Além disso, no setor de outros equipamentos de transporte, que despontou como líder em 2015, não foi identificada ameaça das exportações chinesas.

Ameaça Chinesa nas Exportações com Oportunidades Aproveitadas de Produtos Selecionados em 2008



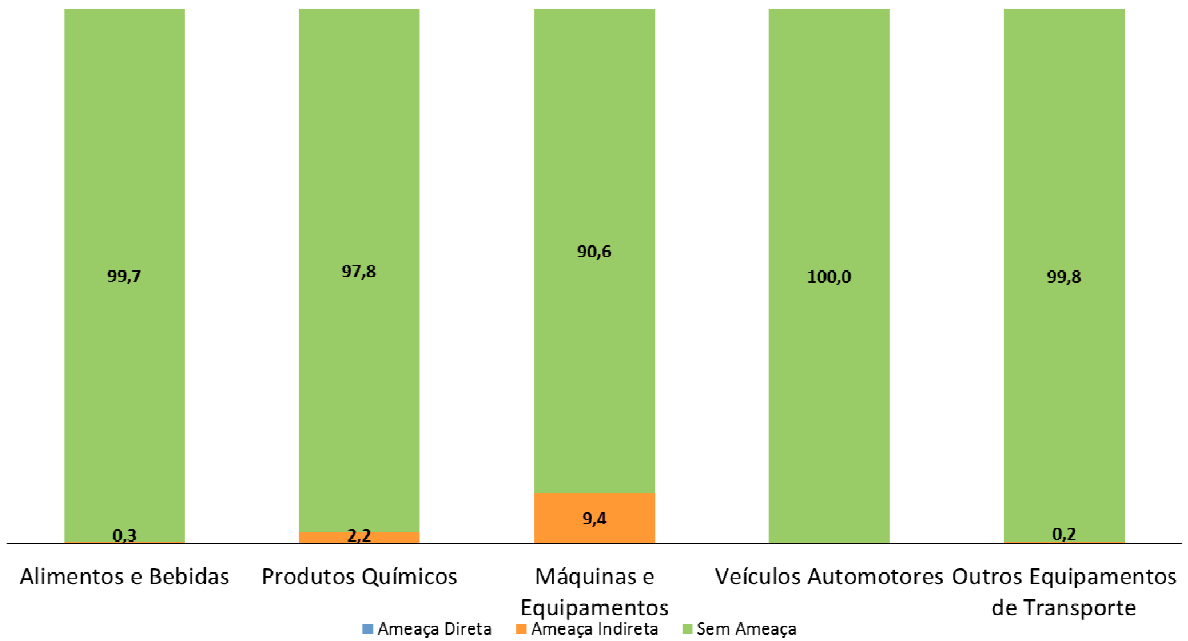
Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

Ameaça Chinesa nas Exportações com Oportunidades Aproveitadas de Produtos Selecionados em 2012



Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

Ameaça Chinesa nas Exportações com Oportunidades Aproveitadas de Produtos Selecionados em 2015

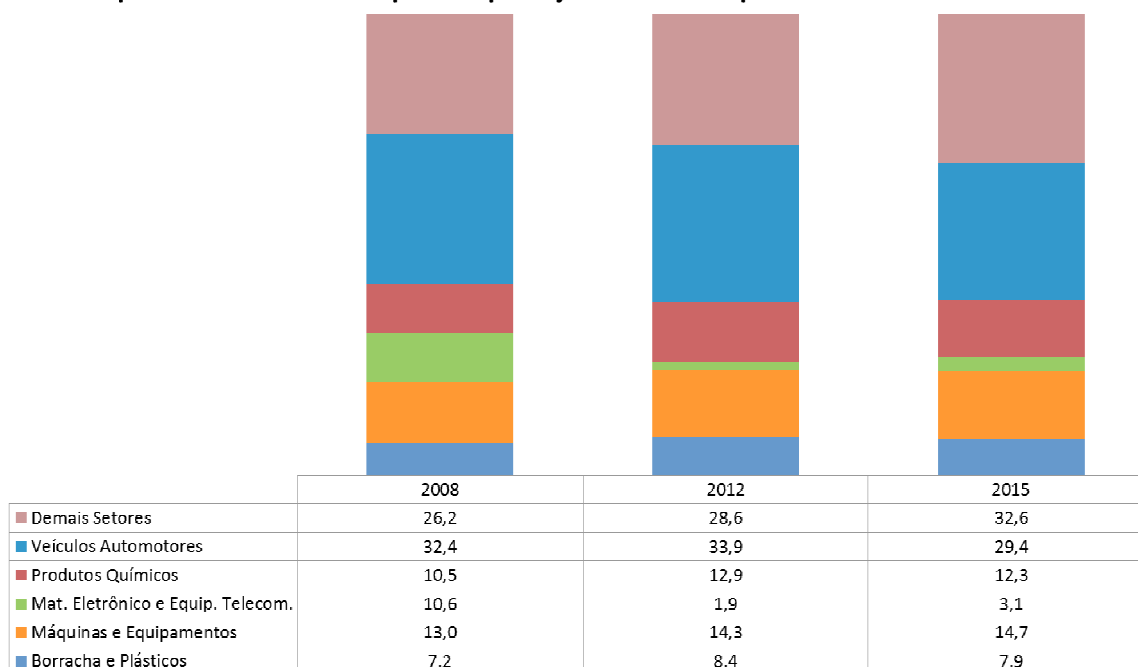


Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

Oportunidades perdidas

Os produtos que tiveram maior participação na categoria *Oportunidades Perdidas* em 2015 foram dos setores de veículos automotores, máquinas e equipamentos, produtos químicos e borracha e plástico. Ao contrário do observado nos produtos com *Oportunidades Aproveitadas*, nessa categoria não houve mudanças relevantes nas participações relativas frente a 2012. Na comparação com 2008, somente o setor de material eletrônico e equipamentos de telecomunicação perdeu posição no ranking (sua participação passou de 10,6% nesse ano para 1,9% em 2012 e 3,1% em 2015).

Oportunidades Perdidas pelas Exportações Brasileiras para Países Selecionados

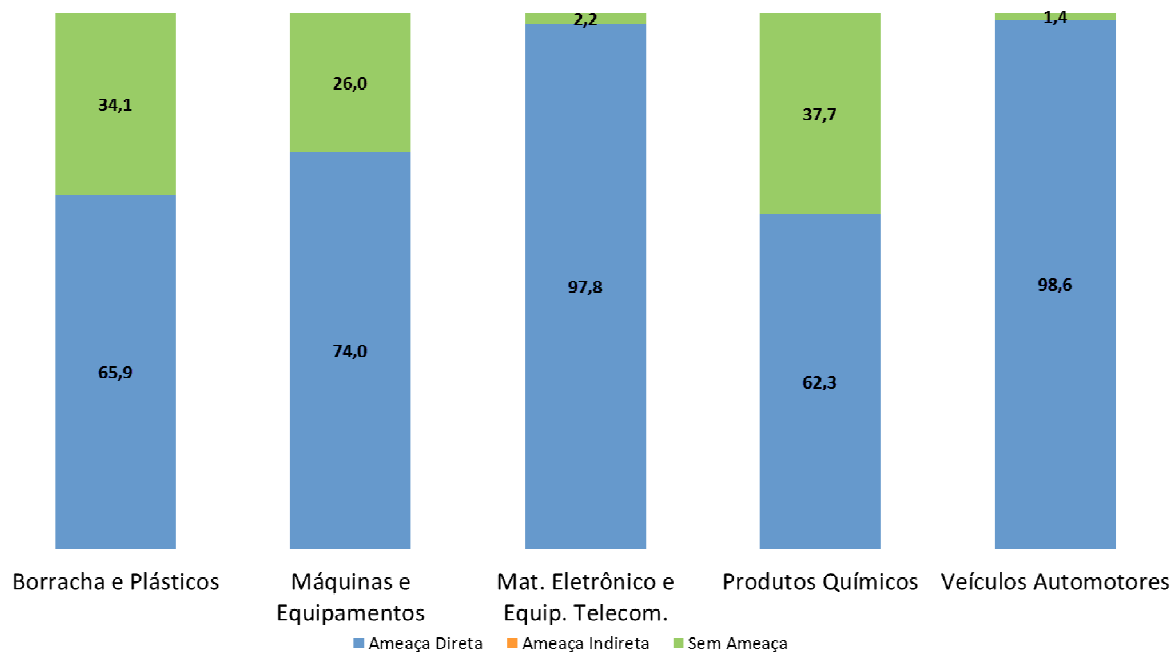


Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

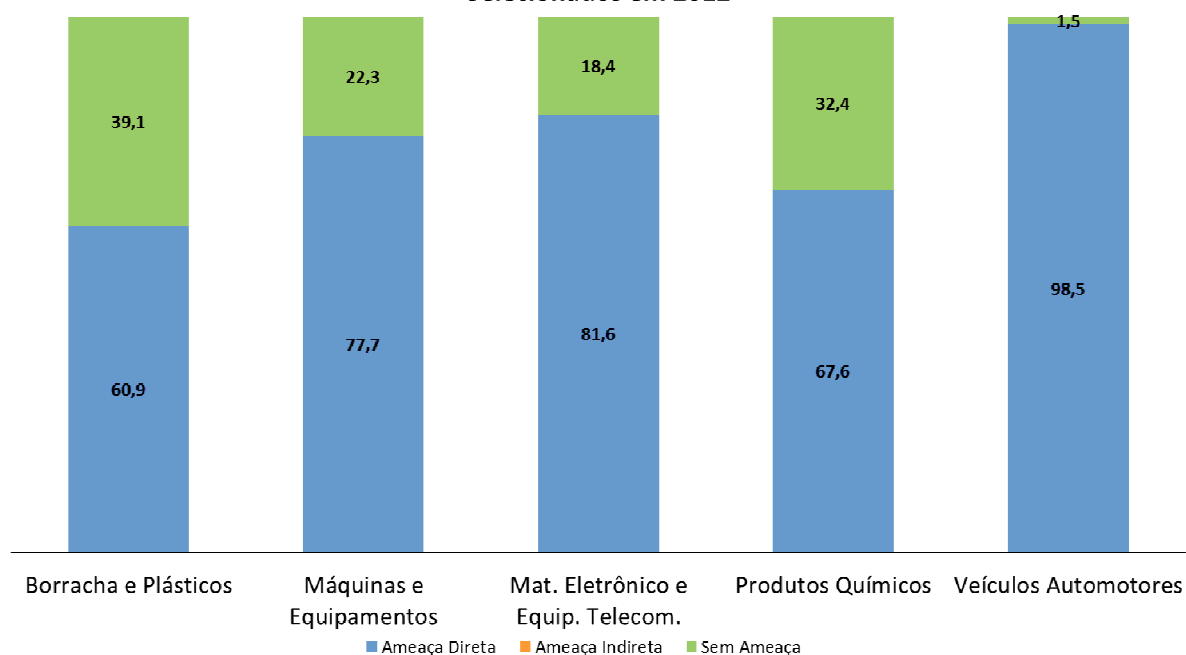
Ao contrário do observado para os produtos com *Oportunidades Aproveitadas*, as exportações brasileiras da maioria dos produtos com *Oportunidades Perdidas* sofreram forte ameaça direta das exportações chinesas em 2015 (não foi identificada nenhuma ameaça indireta). A única exceção foram os produtos do setor de borracha e plásticos, cujo grau de ameaça direta recuou para 35,7% nesse ano (frente a 60,9% em 2012). Também vale destacar a redução do grau de ameaça direta nos produtos do setor de veículos automotores, de quase 100% em 2012 (e 2008) para 83,8% em 2015. Exemplos desses produtos são veículos de passageiros e veículos automotores para transporte de mercadorias. Os produtos dos demais setores, que também são setores industriais importantes, enfrentaram, igualmente, ameaça significativa das exportações chinesas, como, por exemplo, compressores de equipamentos

de refrigeração. O Brasil é um importante exportador desses bens manufaturados para as regiões selecionadas e, assim, a ameaça das exportações chinesas nesses mercados é motivo de preocupação.

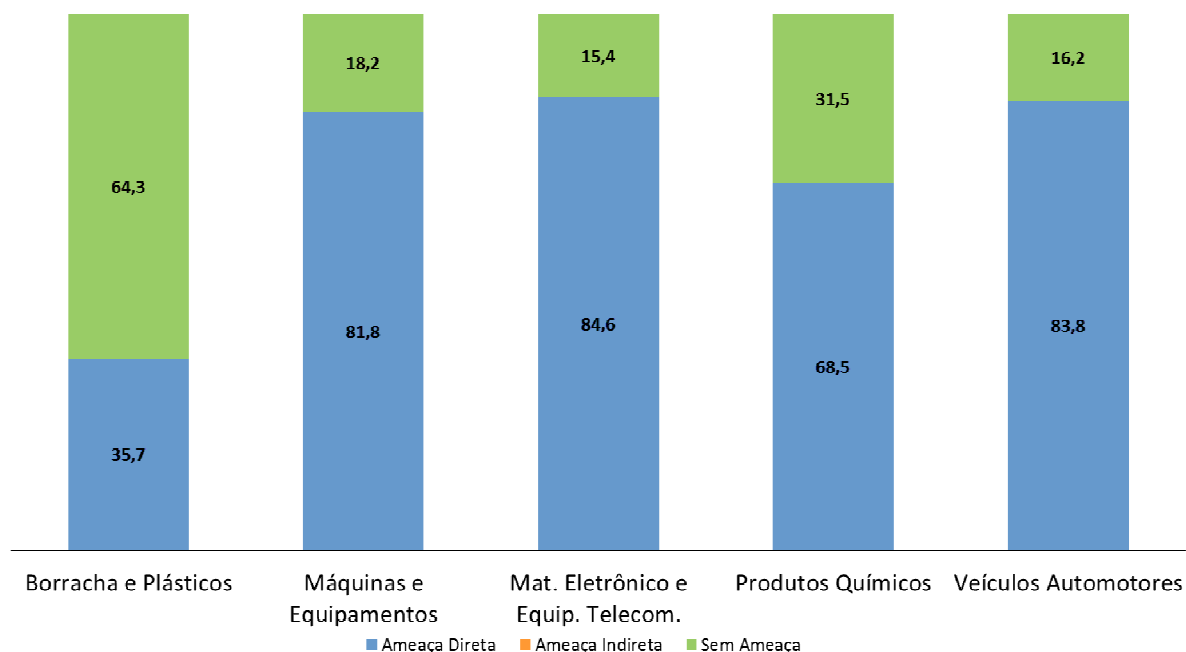
Ameaça Chinesa nas Exportações com Oportunidades Perdidas de Países Selecionados em 2008



Ameaça Chinesa nas Exportações com Oportunidades Perdidas de Produtos Selecionados em 2012



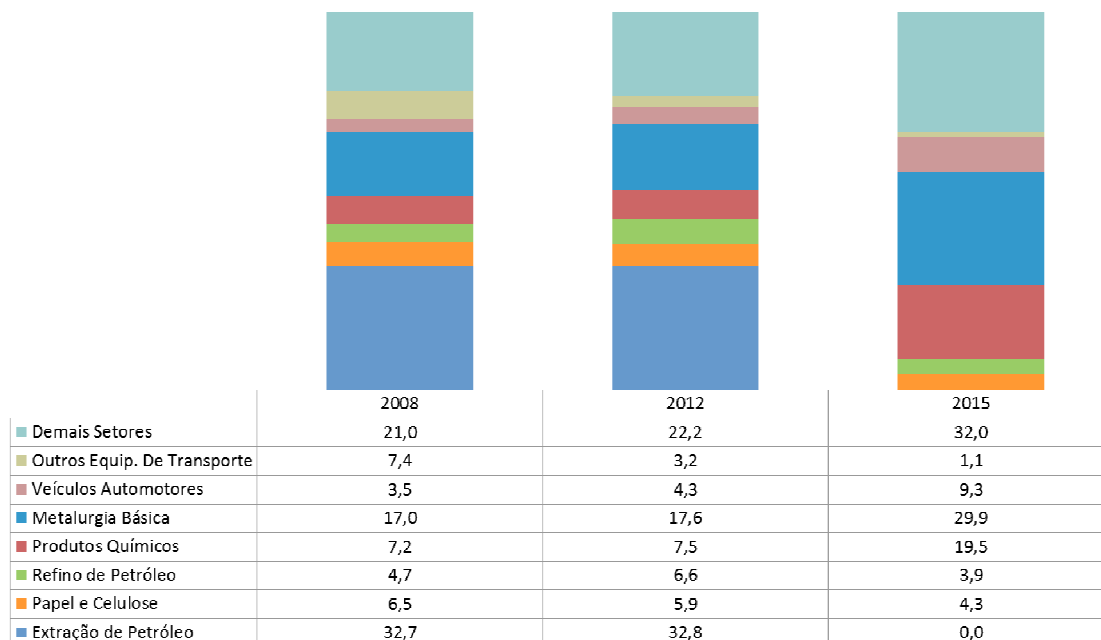
Ameaça Chinesa nas Exportações com Oportunidades Perdidas de Produtos Seleccionados em 2015



Produtos em declínio

Nos *Produtos em Declínio*, destacaram-se em 2015 produtos do setor de metalurgia básica, em que o país tem vantagens competitivas, seguida por produtos químicos. Nessa categoria de produtos, na qual a participação das exportações brasileiras recuou em 2015 frente a 2012, os pesos relativos dos setores também sofreram expressiva modificação na comparação com 2012 (que manteve o perfil setorial observado em 2008), sobretudo no caso dos produtos do setor de extração de petróleo (como petróleo bruto e óleos de petróleo), que eram líderes em 2008 e 2012.

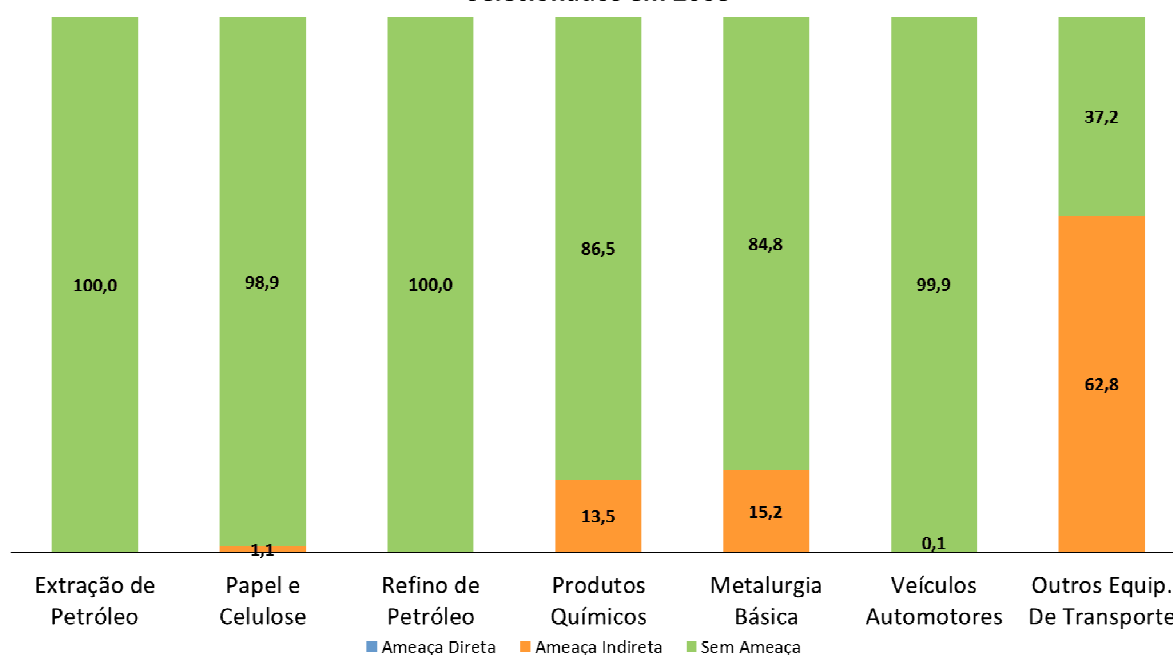
Produto em Declínio nas Exportações Brasileiras para Países Selecionados



Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

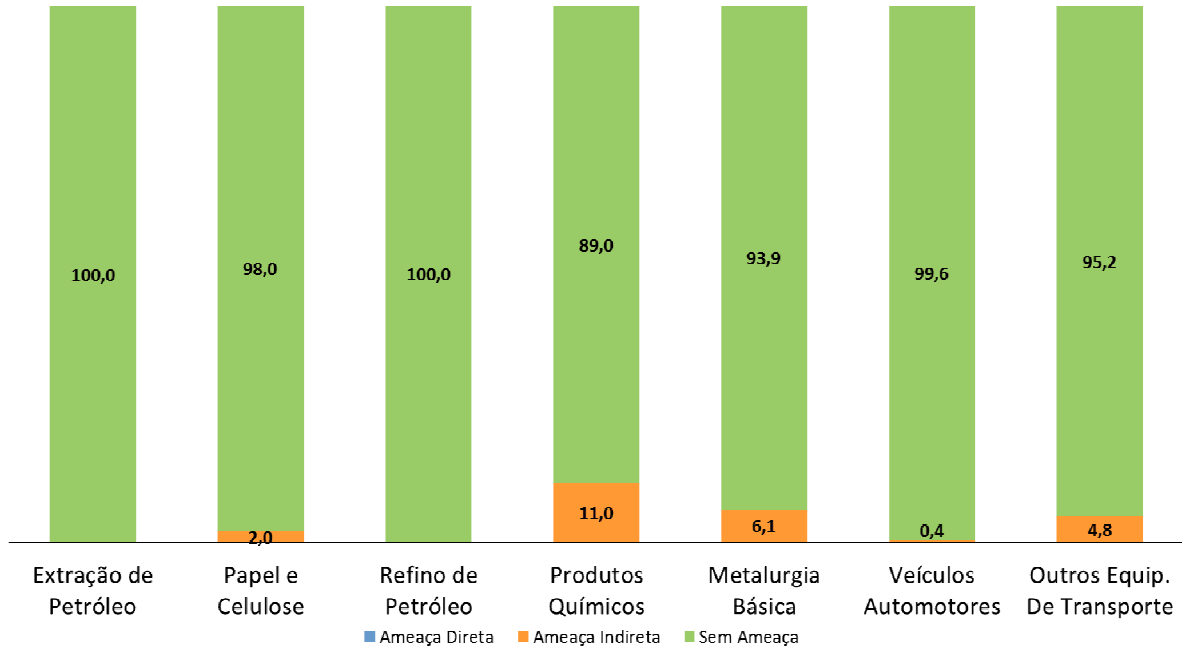
Esses produtos em declínio não foram ameaçados pelas exportações chinesas em 2015, enquanto em 2008 e 2012 alguns produtos sofreram ameaça indireta, como, por exemplo, antibióticos e seus derivados em produtos químicos e tubos para oleodutos da metalurgia básica.

Ameaça Chinesa nas Exportações com Produtos em Declínio de Países Selecionados em 2008

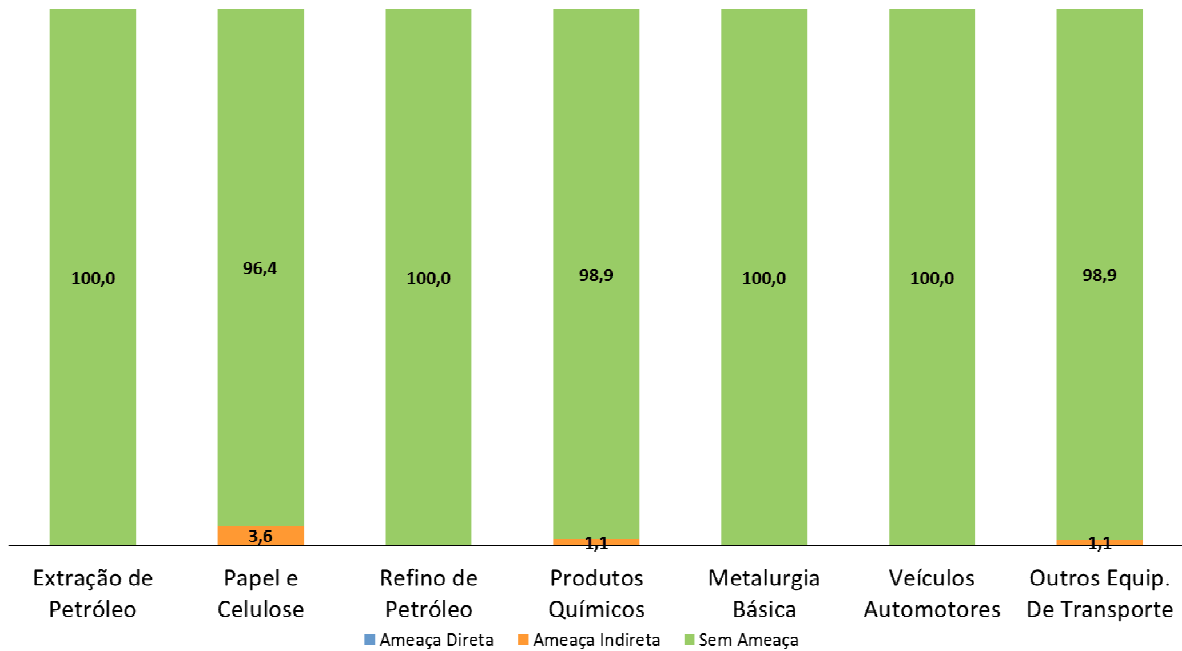


Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

**Ameaça Chinesa nas Exportações com Produtos em Declínio de Países
Selecionados em 2012**



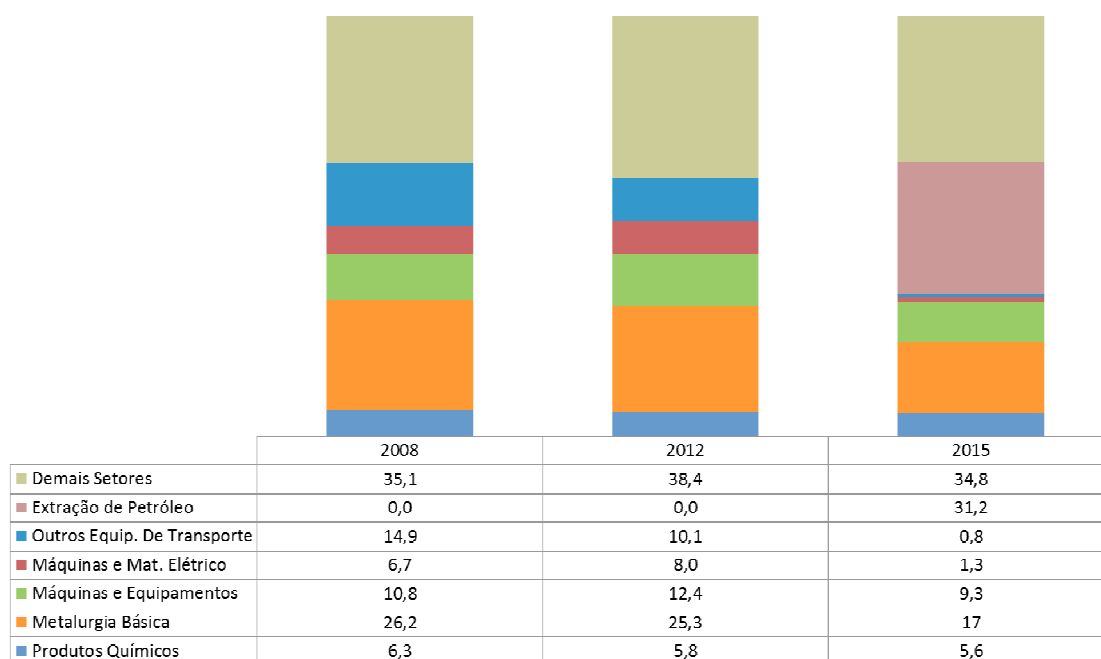
**Ameaça Chinesa nas Exportações com Produtos em Declínio de Países
Selecionados em 2015**



Produto em retrocesso

Na última categoria a ser analisada, de Produtos em Retrocesso, os produtos com maior participação foram dos setores de extração de petróleo, seguido por metalurgia básica e máquinas e equipamentos. Nesse caso, a principal mudança frente a 2012 foi a liderança dos produtos do setor de extração de petróleo, cuja participação era nula em 2008 e 2012. Em seguida, despontam os produtos de metalurgia básica e máquinas e equipamentos (que ocupavam a primeira e segunda posições nos dois anos precedentes). Também chama atenção a redução dos pesos relativos dos produtos dos setores de máquina e material elétrico e outros equipamentos de transporte.

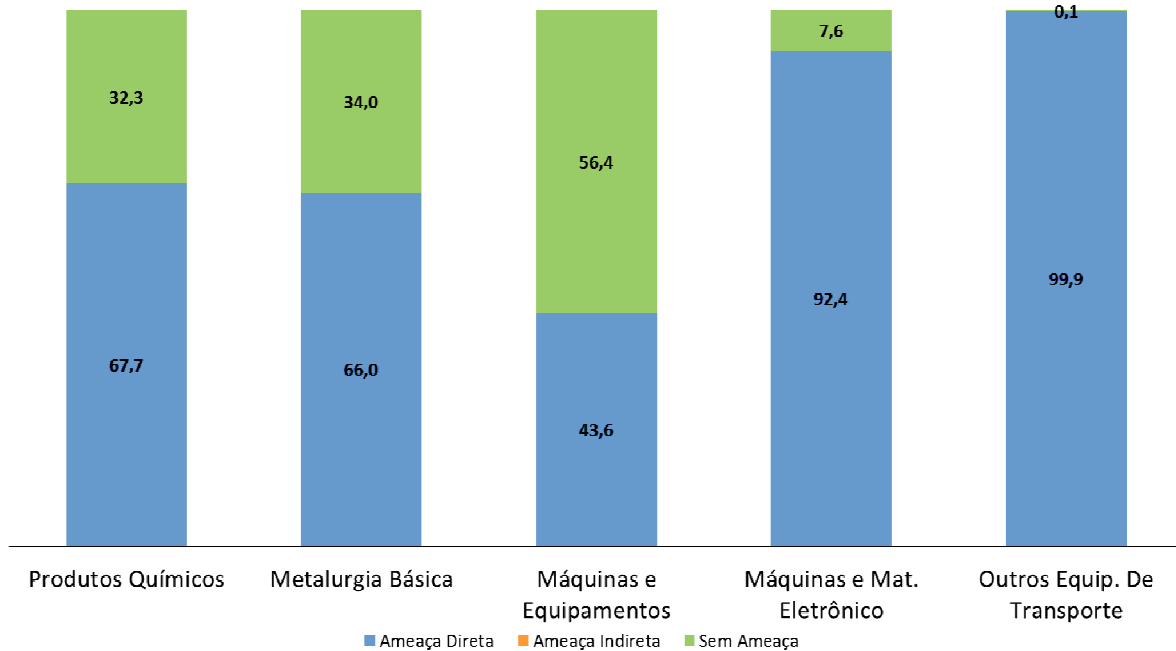
Produto em Retrocesso nas Exportações Brasileiras para Países Selecionados



Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

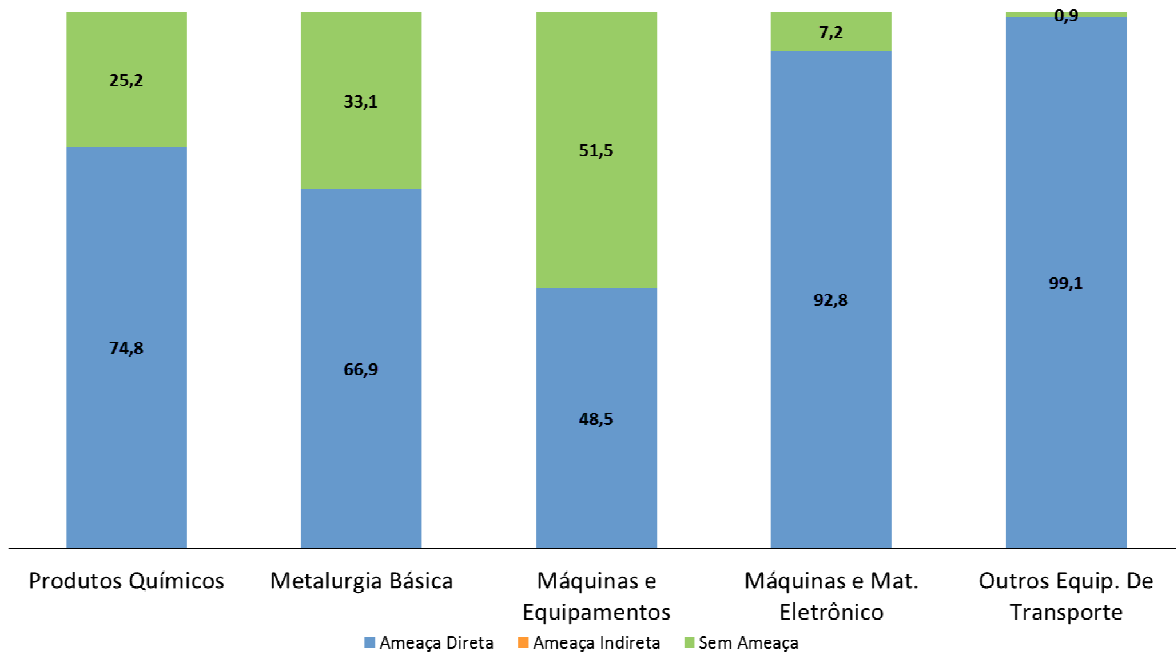
Vale lembrar que nesses produtos (que sofreram redução de demanda pela região), o Brasil voltou a ganhar participação em 2015 (27% do total contra 15% em 2012, retornando, assim, praticamente ao patamar de 2008, de 25%). Esse resultado, contudo, não pode ser associado ao grau de ameaça das exportações chinesas, já que o setor responsável por esse ganho foi extração de petróleo, que não sofreu ameaça dessas exportações. Já no caso dos demais setores, essa ameaça continuou presente em 2015 e, assim, deve ter contribuído para a perda de participação em 2015 na comparação com 2012, com destaque para os produtos do setor de máquinas e material elétrico (sendo alguns exemplos antenas e refletores e aparelhos receptores de radiodifusão).

Ameaça Chinesa nas Exportações com Produtos em Retrocesso para Países Selecionados em 2008



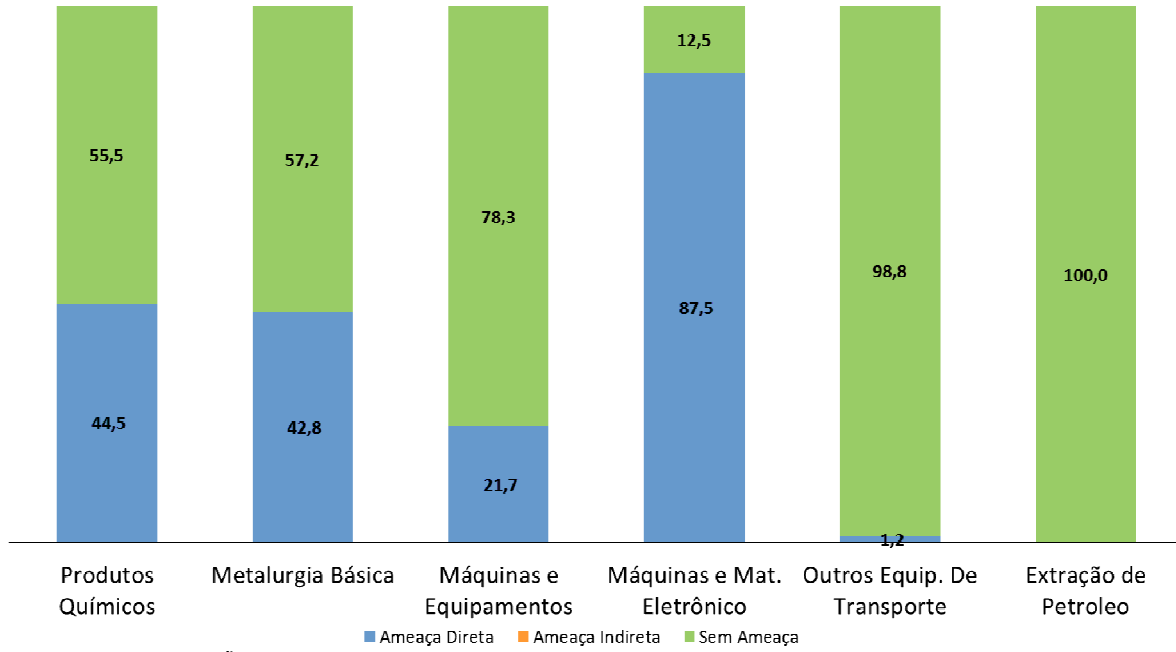
Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

Ameaça Chinesa nas Exportações com Produtos em Retrocesso para Países Selecionados em 2012



Fonte: COMTRADE. Elaboração IEDI.

**Ameaça Chinesa nas Exportações com Produtos em Retrocesso para Países
 Selecionados em 2015**



Bibliografia

Costa, K., G. V., Castilho, M dos R., Torraca, J. (2016) Desempenho e perspectivas das exportações brasileiras de produtos manufaturados – perfil e perda de mercado do Brasil na América Latina. Trabalho apresentado no **44º Encontro Nacional de Economia**, Foz do Iguaçu/PR, entre os dias 13 e 16 de dezembro de 2016.

Cunha, Lélis & Bichara (2012) *O Brasil no Espelho da China: Tendências para o Período Pós-Crise Financeira Global*. **Revista de Economia Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 208-236.

Hiratuka, C. e Sarti, F. (2009) **Ameaça das Exportações Chinesas nos Principais Mercados de Exportações de Manufaturados do Brasil**. Encontro Nacional de Economia Política, São Paulo.

Lall, S. e Weiss, J. (2007) “China and Latin America: Trade Competition 1990-2002”. In Santiso, J. (ed.) **The Visible Hand of China in Latin America**. Paris: OCDE.

Marçal & Novais (2009) *O Desempenho do Comércio Exterior Brasileiro por Intensidade Tecnológica entre 2000 e 2008*. In Biasoto Junior, Novais & Freitas (Org.) **Panorama das Economias Internacional e Brasileira: Dinâmica e Impactos da Crise Global**. São Paulo: Fundap.

Moreira, M.M. (2004) “Fear of China: Is There a Future for Manufacturing in Latin America?” **IADB Discussion Paper**.

Santiso, J., Blazquez-Lidoy, J. e Rodriguez, J. (2007) “Angel or Devil? China’s Trade Impact on Latin American Emerging Markets”. In Santiso, J. (ed.) **The Visible Hand of China in Latin America**. Paris: OCDE.